

A literarização da região e a regionalização da literatura*

Jürgen Joachimsthaler**

Resumo

Este texto discute o processo de literarização das regiões e de regionalização das literaturas, com ênfase na literatura alemã, tomando como exemplo o estado da Baviera. Ao mesmo tempo em que analisa as manifestações literárias que historicamente contribuíram para a definição de uma identidade bávara, relaciona o esforço das autoridades em utilizar a literatura regional como fonte de inspiração para implementar seus projetos políticos. Também procura contribuir teoricamente para a formulação dos conceitos de região, de regionalidade e de regionalismo.

Palavras-chave

Região; regionalidade; literatura alemã; identidade.

Abstract

This paper discusses the regions' literacy-acquiring process and the regionalization of literatures, focusing on German literature, taking the state of Bavaria as an example. At the same time it analyzes the literary production that have historically helped build a Bavarian identity, it discusses the authorities' effort to use the local literature as a source of inspiration to implement their political projects. It also seeks to theoretically help formulate the concepts of region, regionality and regionalism.

Key words

Region; regionality; German literature; identity.

* Este texto foi publicado inicialmente em: *Regionalität als Kategorie der Sprach- und Literaturwissenschaft*. Org. pelo Instytut Filologii Germańskiej der Uniwersytet Opolski. Frankfurt/M., Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien 2002 (=Oppelner Beiträge zur Germanistik 6), p. 17-49.

** Atualmente, é professor na Universidade de Heidelberg, Alemanha. Trabalha com a Literatura alemã dos séculos XVIII, XIX e XX, com ênfase em temas envolvendo interculturalidade, teoria da cultura, espaço e interdisciplinaridade.

REGIÕES NÃO EXISTEM SIMPLEMENTE. Os modelos identitários aparentemente bem definidos, que identificam um determinado contexto local com ‘seus’ cidadãos e ‘sua’ cultura, com uma benvinda ‘unidade’ regionalmente professada – mesmo que eles se tornem uma espécie de vida ou de ‘segunda natureza’ das pessoas neles nascidas ou a eles incorporadas (como pátria¹ por opção) –, são realidade somente porque eles (os modelos identitários), como toda cultura, são construídos e preservados. Ou seja, os modelos identitários são, pura e simplesmente, construídos pelo homem. Via de regra, essa ação humanizadora da cultura, que permite que regiões se tornem “pátria”, em raros casos é percebida concretamente como um processo decisório consciente dos formadores do espaço cultural. Na melhor das hipóteses, é percebida, em parte, como algo movendo-se numa *longue durée* – a “História social”² –, que determina o período vital de espaços culturais com relevante patrimônio cultural, material e imaterial, porém numa perspectiva de longo prazo, fora do espaço de experiência de uma vida humana individual.

Espaços culturais, por si sós, ainda não são regiões. Espaços culturais são somente áreas geográficas (e temporais) disseminadoras de diferentes bens culturais. Dito de outra forma: cada patrimônio cultural tem seu espaço cultural próprio (variável e capaz de expandir-se a qualquer momento por exportação): é assim com o gótico e o tango, a Bíblia e o McDonalds, o basco e os iglus, o garfo e a faca e as técnicas chinesas de respiração. As áreas disseminadoras de muitos desses bens culturais particulares recobrem em parte e acumulam-se em (e com) contextos particulares concretos, formando concentrações espaço-culturais (“culturas”) que são forçosamente de caráter “sincrético”³, de proveniência⁴ intercultural, de tal modo que de cada concentração

¹ N. T. Aqui cabe um comentário sobre o conceito de pátria, pois trata-se de muito difícil definição. Optamos, neste texto, pelo conceito que o Dicionário Houaiss da língua portuguesa nos apresenta em seu primeiro item por acreditarmos que este atenda da melhor maneira o que se pretende definir aqui por *Heimat*, qual seja: “país em que se nasce e ao qual se pertence como cidadão; terra, torrão natal. HOUAISS, 2001, p. 2150.

² Fernand Braudel: *Das Mittelmeer und die mediterrane Welt in der Epoche Philipps II.* Traduzido por Grete Osterwald. 3 Vol. Frankfurt/M. 1998, Vol. I, p. 20.

³ Hartmut Böhme: “Vom Cultus zur Kultur(wissenschaft). Zur historischen Semantik des Kulturbegriffs.” In: Renate Glaser; Matthias Luserke (Org.): *Literaturwissenschaft – Kulturwissenschaft. Positionen, Themen, Perspektiven.* Opladen 1996, p. 48-68; aqui p. 65.

⁴ Visto que nenhuma cultura, nenhum espaço cultural, nenhuma região pode se constituir exclusivamente de patrimônios culturais projetados por eles próprios, diz-se já na introdução do volume anterior que interculturalidade produz “regionalidade (como resultado concreto de ações recíprocas interculturais) apenas sendo e produzida de si mesma.” Ver também Maria Katarzyna Lasatowicz; Jürgen Joachimsthaler (Org.): *Assimilation – Abgrenzung – Austausch. Interkulturalität in Sprache und Literatur.* Frankfurt/M. u.a. 1999 (=Oppelner Beiträge zur Germanistik 1), p. 16. E já em 1935 Kurt Gassen (!): “A história da literatura de uma região, em todos os casos, é mais ou menos uma abstração, uma hipótese de trabalho. As influências literárias e a vida literária não param nas fronteiras regionais,

espaço-cultural pode-se dizer algo semelhante àquilo que Jean Paul diz da [concentração espaço-cultural] alemã:

A Alemanha viva é ao mesmo tempo a Alemanha percorrida por senhores da guerra e por caravanas de mercadores – porque esse coração da Europa rega as veias de todos os povos – porque a Alemanha é um povo cheio de pequenos povos, um país cheio de pequenos países e um campo de jogo das regiões geográficas – porque o reino multiforme reúne os mais multiformes âmbitos de fronteira com russos, *welschen*⁵, gauleses e, ainda mais próxima, a variedade do parentesco por metade ou por três quartos de suíços e holandeses e alsacianos e nórdicos e húngaros – [...] colônias espirituais alemãs e colônias de produtos eram enviados e justamente por isso eram produtos estranhos.⁶

No intento de criar um mundo onde viver, essas muitas influências agrupam-se em uma unidade cultural que age homogeneamente: “Religiosos, fugitivos, pastores, criados, soldados, governantas, sexto mandamento, festa de igreja, estação do ano, tempo. [...] Assim as coisas se reúnem. O todo. O passado. A história real.”⁷ Tais formas de concentração espaço-cultural adquirem individualidade e, comparadas com outras formações identitárias em outras áreas (e tempos) de concentração, com as quais haja comunicação contrastiva pela diferenciação cultural, pode surgir, ocasionalmente, até mesmo a monoculturalização retórica: “Visto que o povo germânico não se mistura com nações estrangeiras por meio de casamentos, ele compõe uma mesma tribo, semelhante a si mesma.”⁸ A essa monoculturalização por delimitação cultural (e não necessariamente sempre só geográfica⁹) de fronteiras, chegando até a restrições matrimoniais,¹⁰ pode também se contrapor de forma consciente um modelo de identidade regional de fronteira, principalmente naquelas regiões interculturais e

elas correm muito mais para dentro e para fora e não permitem assim que se forme uma unidade do contexto literário.” Kurt Gassen: *Die Anfänge neunierdeutscher Literatur in Pommern 1770-1870*. Greifswald 1935, p. 3.

⁵ Termo antigo usado em alemão e outras línguas germânicas para qualificar povos românicos (latinos) ou celtas romanizados.

⁶ Jean Paul: *Sämtliche Werke*. Org. Norbert Miller. München 1963, parte I, Vol. 5, p. 1077.

⁷ Martin Walser: *Heilige Brocken. Aufsätze, Prosa, Gedichte*. Frankfurt/M., p. 36s.

⁸ Ludwig Thoma: *Agricola. Bauerngeschichten*. Com ilustrações de Adolf Hölzel e Bruno Paul. Revisão do texto e posfácio de Bernhard Gajek. München 1986, p. 10s.

⁹ Originariamente o primeiro mandamento do decálogo não foi pensado apenas como mandamento fundamental monoteísta, mas também como disposição de estrita delimitação de fronteiras. No fim do decálogo fica esclarecido: “Se o Senhor, teu Deus, te conduziu à terra, na qual agora entras para dela tomar posse, se ele tira do teu caminho muitos povos [...], se o Senhor, teu Deus, os entrega a ti, então debes entregá-los ao exterminio. Tu não debes selar nenhum contrato com eles, nem poupá-los, nem te aparentar com eles. Não dê tua filha ao seu filho e não tome seu filho para tua filha! [...] Deves destruir seus altares, quebrar suas pedras de adoração, derrubar suas edificações de culto e queimar seus ídolos no fogo.” (Dtn 7,1-5).

¹⁰ Michael Oppitz oferece um bom resumo da pesquisa antropológica sobre esse tema: *Notwendige Beziehungen. Abriß der strukturalen Anthropologie*. Frankfurt/M.²1993, p. 81-89.

interétnicas e (e isto não é o mesmo!) internacionais,¹¹ vistas como regiões de conflito e de encontro,¹² às quais de alguma forma podem pertencer diferentes espaços culturais. Com o auxílio desse modelo, o arcebispo de Oppeln pôde contribuir decisivamente na mudança política de 1989, para superar as tensões nacionais na Alta Silésia, pela proposição de uma identidade regional metanacional:

Esse *Proprium silesiacum* também é claramente evidente no *Heinrichauer Gründungsbuch*, de 1270, que contém a primeira frase histórico-literária polonesa autêntica: “Day ut ia pobrusa a ti poziwaz”. Isso significa: “Deixa eu moer – diz um certo Bogval a sua mulher – e você descansa”. O estranho nisso é que um alemão, o abade da Ordem de Cister, Peter von Heinrichau, escreveu essa primeira frase polonesa na sua Crônica latina, tendo deixado que ela fosse pronunciada por um boêmio de nome Bogval. Aqui poderia simplesmente ter sido acrescentado: “No comment. Isto é silésio!” Considerando o atual momento do nosso continente, deveria ser complementado: “Multiplicidade europeia em fronteiras ilimitadas, destaca o verdadeiro silésio.”¹³

Essa relíquia surgida, e preservada meio por acaso, na Baixa Silésia medieval, torna-se modelo (inteiramente feliz) para a Alta Silésia do século 21, recobra importância e representa o sentido de “sua” região. Tal trabalho de identidade, seja ele fixado mono ou pluriculturalmente, prende-se a um projeto de “ser-semelhante-a-si-mesmo” já quase miticamente ancorado: fundamentam-se necessidades e desejos do presente em um fato estabelecido no passado, pondo em relação o desejado estado regional-cultural presente com algo meta-historicamente ‘verdadeiro’, aquele “*Proprium*”¹⁴ retomado de geração em geração:

Lá estão as pequenas casas, mergulhadas em branca luz, à nossa frente, e parece assaltar-te um sentimento próprio de paz, quando tu pensas que neste pequeno recanto perdido no mundo pessoas levam sua vida exatamente assim como a levavam seus pais e antepassados.¹⁵

Assim, “região”, “pátria”, torna-se espaço cultural para os nela nascidos ou para os que a ela se dirigiram, por meio da consciência de sua particularidade, por meio do

¹¹ Ver Detlef Haberland: “‘A la recherche d’un pays perdu’: Die literarische Region Oberschlesien.” In: Wilhelm Gössmann, Klaus-Hinrich Roth: *Literarisches Schreiben aus regionaler Erfahrung. Westfalen – Rheinland – Oberschlesien*. Paderborn 1996, p. 97-128; aqui p. 99.

¹² Ver por exemplo Uwe Grund; Günter Scholdt: *Literatur an der Grenze. Der Raum Saarland-Lothringen-Luxemburg-Elsaß als Problem der Literaturgeschichtsschreibung*. Edição festiva para Gerhard Schmidt-Henkel. Saarbrücken 1992.

¹³ Alfons Nossol: “Schlesien, ein Land von drei Kulturen. Chancen der Versöhnung.” In: Maria Katarzyna Lasatowicz; Jürgen Joachimsthaler (Org.): *Nationale Identität aus germanistischer Perspektive*. Opole 1998, p. 13-21; aqui p. 15.

¹⁴ N. T. Optou-se aqui por deixar o termo latino *Proprium*, usado no sentido de próprio, do eu da identidade de cada um.

¹⁵ Thoma, *Agricola* [ver nota 6], p. 8.

desenvolvimento do acúmulo cultural casual num sistema de (auto-)criação, num “espaço significativo,”¹⁶ num modo de expressão – tratado e elaborado de forma linguística, artística e/ou jurídica – de uma existência situada espacialmente.

Existem duas instâncias amplamente eficazes e capazes para o êxito dessa ação sensibilizadora, obviamente muitas vezes já iniciada pelo ‘homem comum’: os governos, com suas administrações¹⁷ (não por acaso as fronteiras de regiões culturais muitas vezes são idênticas com as ainda existentes ou pelo menos outrora existentes unidades políticas) e as intuições regionais de ação cultural semântica (círculos poéticos e artísticos locais, estações de rádio, jornais e revistas, mas também escolas, clubes, museus). Com isso, deve-se distinguir conceitualmente, por um lado, entre “região” político-jurídica, muitas vezes marcada por “engajamentos identitários” manipuladores (há uma produção político-administrativa de consciência regional’, e sua utilização ideológica como instrumento de manipulação e comando à distância¹⁸) e, por outro lado e embaixo, a região cultural-literária. A condensação do espaço cultural num espaço significativo, em ambos os casos, pressupõe (pelo menos) um sujeito semantizador, que atribui à região uma particularidade como seu sentido. Este sentido constrói identidade, lealdade, proteção e pertencimento, garante e une, prende e protege. Ele consolida mitos¹⁹ regionais (muitas vezes presos a tipos de identificação²⁰ carregados simbolicamente), estereótipos próprios, mas também ritos e hábitos, particularidades linguísticas e modos de comportamento formadores de hábitos (modos essenciais formados pela corporeidade e formas de tempo livre, até a definição da forma em processos de reação a gestos e feições reagentes à psique e ao espírito) no sujeito e empresta estabilidade ao seu estar presente no local concreto. “Pátria” significa para o “homem inevitavelmente territorial”²¹ o prender-se nesta particularidade inerente a ele juntamente com o seu próximo. Ele participa, antes de mais nada, desta particularidade

¹⁶ Walter Schmitz: “Regionalität und interkultureller Diskurs. Beispiele zur Geschichtlichkeit ihrer Konzepte in der deutschen Kultur.” In: Bernd Thum; Gonthier-Louis Fink (Org.): *Praxis interkultureller Germanistik. Forschung – Bildung – Politik. Beiträge zum II. Internationalen Kongreß der Gesellschaft für Interkulturelle Germanistik*. Straßburg 1991. München 1993, p. 417-438; aqui p. 418.

¹⁷ Ver, por exemplo, Alta Silésia: Jürgen Joachimsthaler: “‘Erziehung zum Deutschthum.’ Aspekte der wilhelminischen Literaturpolitik unter Berücksichtigung der besonderen Verhältnisse im mehrsprachigen Oberschlesien.” In: *Zeszyty Naukowe Uniwersytetu Opolskiego. Filologia Germańska* 1 (1996), p. 37-72.

¹⁸ Peter Weichhardt: *Raumbezogene Identität. Bausteine zu einer Theorie räumlich-sozialer Kognition und Identifikation*. Stuttgart 1990 (=Erdkundliches Wissen 102), p. 92.

¹⁹ Ver também a contribuição de Eugen Kotte neste volume.

²⁰ Ver, juntamente com o artigo de Roswitha Schieb neste volume, Gertrude Cepl-Kaufmann; Antje Johanning: “Rhein und Annaberg als mythische Orte.” In: Walter Engel; Norbert Honsza (Org.): *Kulturraum Schlesien. Ein europäisches Phänomen*. Wrocław 2001, p. 27-56.

²¹ Ina-Maria Greverus: *Der territoriale Mensch. Ein literaturanthroposophischer Versuch zum Heimatphänomen*. Frankfurt/M. 1972.

pelo fato de que também ele a representa na sua vida. Ele se torna, assim, elemento visível da ação cultural²² da espacialidade coletiva maior, num caso de sorte (historicamente incomum), em que (co-)autor e obra são um só. Contanto que ele possa pelo menos pertencer.

Obras de arte sociais desse tipo (às quais pertencem também as nações e as religiões) tendem a substancializarem-se como essências da realidade, às quais é adjudicado um caráter de ser metafisicamente ontologizado. A germanística, que cresceu em indissolúvel ação recíproca com o processo de substancialização nacional e que por muito tempo, em sua juventude, buscou suas categorias descritivas idealísticas nessa substancialização, põe-se agora diante delas com ceticismo adulto e procura por modelos científicos que ainda ou novamente lhe permitam descrever fenômenos em cuja existência ela não mais quer acreditar. Para Josef Nadler, ainda imbuído da tradição da *Schwäbischer Literaturgeschichte* (1897-1899) (História da literatura suábica), de Rudolf Krauß, que Norbert Oellers reduz à fórmula “Região = tribo + contexto local,”²³ as “tribos alemãs e contextos locais”²⁴ são as pedras fundamentais, indivisíveis, das quais deriva a sua história literária. Norbert Mecklenburg, por sua vez, limita-se, de início, a uma observação textual do fenômeno literário interno como “província narrada”²⁵, para depois chegar, a partir de uma abertura para questões²⁶ sócio-literárias em demanda de uma forma, a um princípio de aproximação sócio-literária, cuja função seja “pesquisar não a essência de uma literatura regional, mas a forma de existência empírica de literatura em uma região.”²⁷ “Região” transforma-se, com isso, de espaço significativo em simples espaço de acaso estatístico, como se seguisse a receita de August Kahlert, de 1835: “contar exatamente a existência daquilo que foi realizado por acaso dentro das fronteiras do país.”²⁸ Paradoxalmente, uma tal dessubstancialização favorece, talvez com razão, a uma cobrança absurda de substancialização: a revista *Literatur in Bayern* tenta pôr em sua conta toda a literatura de alguma forma ligada ao atual território da Baviera como sendo identificada regionalmente com a Baviera

²² Weichhardt, *Raumbezogene Identität* [ver nota 18], p. 95.

²³ Norbert Oellers: “Aspekte und Prinzipien regionaler Literaturgeschichtsschreibung.” In: Grund; Scholdt, *Literatur an der Grenze* [ver nota 12], p. 11-21.

²⁴ Josef Nadler: *Literaturgeschichte der deutschen Stämme und Landschaften*. 6 vol. Regensburg 1912-28. Ver também a contribuição de Michael Rohrwasser neste volume.

²⁵ Norbert Mecklenburg: *Erzählte Provinz. Regionalismus und Moderne im Roman*. Königstein/Ts. 1982.

²⁶ Norbert Mecklenburg: *Die grünen Inseln*. München 1986.

²⁷ Norbert Mecklenburg: “Stammesbiologie oder Kulturraumforschung?” In: Albrecht Schöne (Org.): *Akten des VII. IVG-Kongresses Göttingen 1985*. Tübingen 1986, p. 13.

²⁸ August Kahlert: *Schlesiens Antheil an deutscher Poesie. Ein Beitrag zur Literaturgeschichte*. Breslau 1835, p. 2s.

enquanto coletivo identitário próprio. Isso leva a reivindicar não somente o Platen²⁹, que em parte pode ser tido como bávaro, inclusive historicamente, mas também D. H. Lawrence³⁰ ou o ‘subtítulo’³¹ de um colóquio sobre a Canção dos Nibelungos (“Nibelungenlied und Klage. Ursprung – Funktion – Bedeutung” [Canção dos Nibelungos e queixa. Origem – função – significado], de 5 a 8 de outubro de 1995, no convento Andechs) que perguntava: “Nibelungenlied aus Worms oder Passau?” (Canção dos Nibelungos é de Worms ou de Passau?). Naturalmente se tratava menos de questionar o local de origem da Canção dos Nibelungos, mas de bavarizar a Canção dos Nibelungos (e depois de seu tempo) a partir de diferentes critérios. Izabela Surynt³² e Martin Hollender³³ comprovaram tendências semelhantes na Alta Silésia, que certamente não se encontram apenas lá.

A questão dos critérios de que devo partir, de fato, para delimitar e pesquisar uma região, desaparece na conceituação de *literatura em uma região* e suas subseqüentes certezas, a não ser a da disputa de casuais fronteiras políticas de um espaço temporal igualmente casual. Um inventário empiricamente sociológico (a partir de que critérios selecionados?) substitui assim o objeto de estudo. É de suma importância definir se se vai trabalhar com um conceito substancialista de literatura, visando a imanência do texto, ou com um conceito funcional-comunicativo, que entende a literatura como uma forma de negociação social, especificamente em condições regionais.³⁴ Regina Hartmann trabalha, com êxito, na perspectiva da concepção de uma *Literatura na região*,³⁵ em amplo inventário sócio-literário da produção literária dentro de uma região definida ao longo de delimitações político-históricas de fronteira.

No âmbito empírico, contudo, os projetos literários espaço-significativos ocupam, de um lado, um *status* especial e exclusivo – como no caso especial e mais importante da fórmula programática da *Literatura em uma região*; de outro lado, eles

²⁹ Dietz-Rüdiger Moser: “Eher ein Literator als ein Poet... Vor zweihundert Jahren – am 24. Oktober 1976 – wurde in Ansbach der Dichter August Graf von **Platen** geboren.” In: *Literatur in Bayern* 1996, H. 46, p. 8-17. (marcação do tradutor)

³⁰ Michael W. Weithmann: “‘Lady Chatterley’ nasceu em Schwabing. David Herbert Lawrence na região da Bohème de Munique.” In: *Literatur in Bayern* 1996, Cad. 46, p. 28-33.

³¹ *Literatur in Bayern* 1995, H. 42, frontispício.

³² Ver sua contribuição neste volume.

³³ Martin Hollender: *Die politische und ideologische Vereinnahmung Joseph von Eichendorffs. Einhundert Jahre Rezeptionsgeschichte in der Publizistik (1888-1988)*. Frankfurt/M. u.a. 1997.

³⁴ Regina Hartmann: “‘Regionalität’ – ‘Provinzialität’? Zu theoretischen Aspekten der regional-literarischen Untersuchungsperspektive.” In: *Zeitschrift für Germanistik* N.F. 7 (1997), p. 585-598; aqui p. 586.

³⁵ Ver também sua contribuição neste volume.

podem não mais ser compreendidos nesse modelo, como no caso da literatura silésia surgida fora da Silésia, dos expulsos de sua pátria depois de 1945.

Complementando Regina Hartmann, eu distingo, por isso, da *Literatura em uma região* (geralmente apresentada mais ou menos realisticamente) a *Literatura regional*, que reproduz a realidade regional, descrevendo-a e estilizando-a (muitas vezes de forma realista) e, em sentido programaticamente referente à região do produtor, a *Literatura Regional* (escrito em maiúsculo!³⁶); pois ambas não precisam necessariamente ter surgido *na* região em questão. A *Literatura Regional* exige do *regional* (e se necessário também contra ele) a construção de um modelo de cada região, que ou pretende instituir a identidade coletiva para os habitantes dessa região (no caso de antigos expulsos) ou pelo menos expressar uma identidade única, coletiva, pretensa ou realmente já existente (ou ainda com intenção se distanciando criticamente). Visto de forma sistemática, completo o atual modelo estruturalista numa perspectiva semântica, que reorganiza o antigo modelo substancialista num espaço comunicativo de significação, sem ficar preso aos antigos equívocos. Apesar de toda a crítica legítima, esse modelo leva a sério a tentativa de se nomear algo, o que não deixa simplesmente de existir devido à refutação do modelo descritivo histórico, mas indica talvez a necessidade de uma prática de negociação para muitas pessoas. Essa necessidade, de alguma forma, está compreendida na nostalgia que se expressa na *Literatura Regional*, ou seja, a nostalgia de identidade regional. Ao final de tudo isso é o “que a todos reflete na infância e onde ninguém esteve: pátria”.³⁷

Essa definição de *Literatura Regional* interessa-se pelos elementos semânticos, formadores de sentido, que produzem uma consciência regional esteticamente comunicativa em si mesma. A isso soma-se, naturalmente, também a pergunta pela sua recepção, pela interação entre região e literatura, que precisa dar atenção a medidas políticas e institucionalizações literárias como a qualidades estéticas (ou sua ausência); esclarecer a recepção – positiva ou negativa –, contudo, não se confunde com a distinção entre literatura de ‘valor’ regional ou de ‘valor’ suprarregional (recepção e

³⁶ Para esclarecimento ver Jürgen Joachimsthaler: *Anged/Deutsch*. “Kleinere Schwierigkeiten mit der ‘wissenschaftlichen’ Behandlung von ‘deutscher Identität’ und ihrer ‘Geschichte.’” In: Joanna Jabłkowska; Małgorzata Pórola (Org.): *Nationale Identität. Aspekte, Probleme und Kontroversen in der deutschsprachigen Literatur*. Łódź 1998, p. 94-117.

³⁷ Ernst Bloch: *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt/M. ³1990 (=Werkausgabe 5), p. 1628.

propagação, portanto): os textos de Fontane da região märkisch,³⁸ as Husumações³⁹ e a “simplicidade provinciana”⁴⁰ de Theodor Storm, as comédias áticas de Aristóфанes e a Dublin de James Joyce mostram, da mesma forma que a Terra Santa da Bíblia ou a nova onda polonesa de literatura regional desde a Silésia até a Prússia leste, que o efeito suprarregional de literatura muitas vezes repousa justamente em suas consolidações regionais. Espaços significativos podem ser suprarregionalmente analogizados, elevados, com efetiva formação de sentido, da região individual para um modelo suprarregional de significação válida.

Contudo, de modo algum é óbvio que uma região seja de fato elevada a espaço de sentido. Na verdade, somente geograficamente a forma de vida concreta pertence às condições iniludíveis de toda escrita e se reflete, neste ponto, intencionalmente ou involuntariamente em projetos literários, pois mesmo os espaços ficcionais fantásticos podem apenas ser construídos de variações de elementos conhecidos do mundo do autor;⁴¹ as tentativas de imaginar sistematicamente “um outro” conduzem frequentemente a simples fantasias de um mundo às avessas, como a do charlatão da Idade Média que, de volta de sua suposta viagem à Itália, dizia que lá não os homens, mas as mulheres bebiam vinho e que não os homens, mas as mulheres se barbeavam.⁴² New York faz parte de *Nimmerya*.⁴³ Mas, mesmo quando uma *Regionalidade* do mundo está inscrita indelevelmente em textos aparentemente exóticos, isto não basta para explicar por que regiões são documentadas, podem ser documentadas e em determinados períodos talvez até precisassem ter sido documentadas, com especial atenção na sempre possível literarização dentro de bastidores ficcionais internos, que funcionam como um fundo da ação, para além de *literatura regional*.

³⁸ N. T. Märkisch-Oderland é um distrito (kreis ou landkreis) da Alemanha localizado no estado de Brandenburg.

³⁹ N. T. Referente a Husum, uma cidade e capital do distrito de Nordfriesland, no estado de Schleswig-Holstein, Alemanha.

⁴⁰ Theoder Fontane. “Erinnerungen.” In: Theoder Fontane: *Gedichte. Meine Kinderjahre. Erinnerungen. Aufsätze und Theaterkritiken*. Org. e int. de Hans-Heinrich Reuter. Com um posfácio de Kurt Tucholsky. Zürich 1983 (= *Werkausgabe in fünf Bänden* 1), p. 261-327; aqui p. 321.

⁴¹ Ver Umberto Eco: *Die Grenzen der Interpretation*. Trad. do ital. por Günter Memmert. München 1995, p. 256-279; assim em princípio já em Kant: “se nós nos tomamos uma vez a permissão para aceitar uma realidade existente fora do campo da percepção total [...], nada nos resta senão a analogia a partir da qual nós usamos conceitos de experiência para criarmos algum conceito a partir de coisas inteligentes das quais nós não temos o mínimo conhecimento em si.” Immanuel Kant: *Kritik der reinen Vernunft*. Org. por Wilhelm Weischedel. 2 Bde. Frankfurt/M. 1974 (= *Werkausgabe* III/IV), p. 511. N. T. Tradução livre do tradutor.

⁴² Ver Stephen Greenblatt: *Wunderbare Besitztümer. Die Erfindung des Fremden: Reisende und Entdecker*. Berlin 1998, p. 72.

⁴³ Ver Samuel R. Delany: *Flucht aus Nimmerya*. Trad. para o Alemão por Michael Nagula. Bergisch Gladbach 1988.

A forma característica de *literatura regional* é um fenômeno relativamente novo na Alemanha, o que se explica, antes de tudo, pelo fato de que o pertencimento local, a identidade espacial [nos tempos da constante constituição?] eram legalmente sobrepostos e semanticamente transferidos para a lealdade pessoal, numa equivalência personalizada entre terra e senhor da terra. A expressão ‘contexto local’ designava ‘estado local’ e mesmo a saudosa palavra alemã *Heimat* designava, até pelos idos do século XIX, título de posse e de direitos de classe – do direito ao solo ao direito ao voto – , acessíveis somente aos moradores mais ricos de cidades e comunidades. “A palavra bávara ‘Haimat’, ‘Hoamat’, quer dizer [...] em seu significado expresso [...] ‘casa e terra, sobretudo posse’. O agricultor tem, nesse sentido, uma ‘pátria’, o criado é apátrida.”⁴⁴ Somente depois do fim da territorialização pré-moderna como domínio foi descoberto, no e com o Renascimento, o ‘povo’ como um recurso [riqueza], cuja lealdade não mais deveria pertencer ao senhor da terra, mas à terra, ao próprio *Heimat*. A palavra *Heimat* passou a ganhar cada vez mais conotações de conteúdo emocional e, para muitas pessoas, o duro contraste entre o conceito emocional e o jurídico de pátria talvez explique a nostalgia até hoje inscrita na palavra. Essa nostalgia empresta ao termo uma dimensão utópica, o que impede que se faça uma equivalência apressada entre região de nascimento e região vivida como a “pátria” utopicamente almejada,⁴⁵ contraposta ao mundo monstruoso, como se houvesse a necessidade de minimizar o sentimento de perda mediante a certeza de a ter possuído pelo menos uma vez – frequentemente sob a forma de pequenas lembranças infantis de origem confiável, num contexto biográfico salvo e guardado espontaneamente – e como utopia a ser ainda possuída: justamente por “perdida” é lembrada e, lembrada, pode ser preservada física e mentalmente como algo imperdível.

Ao longo do século XIX, a necessidade utópica de unicidade biográfica regionaliza-se, encontra representações atuantes nas regiões alemãs. Primeiro, naquelas em que o *Heimat* foi perdido por expropriação, êxodo rural, emigração em massa e expulsão econômica: muitos (os mais pobres), diante de um *Heimat* que, justamente por causa do atraso econômico, foi visto como modelo idílico da vida no campo, livre das pressões vividas atualmente, passam a ser contrários a essa romantização feita pelas

⁴⁴ Walter Schmitz: “Nachwort. Lena Christs Suche nach der Heimat.” In: Lena Christ: *Sämtliche Werke*. Org. Walter Schmitz. Bd. III. München 1990, p. 411-442; aqui p. 416. Ver também a contribuição de Hermann Bausinger, em Jochen Kelter (Org.): *Die Ohnmacht der Gefühle. Heimat zwischen Wunsch und Wirklichkeit*. Weingarten 1986.

⁴⁵ Ver Wilfried von Bredow; Hans-Friedrich Foltin: *Zwiespältige Zufluchten. Zur Renaissance des Heimatgefühls*. Berlin, Bonn 1981. Horst Bienek (Org.): *Heimat*. München, Wien 1985.

metrópoles industriais. As histórias de aldeia de caráter auerbachiano⁴⁶ com seu kitsch agressivo, prometendo uma utopia real são, desde então, uma constante censura (no duplo sentido da palavra) à *literatura regional* da Alemanha [até a eficaz identificação fixada do tema em definições de manuais didáticos em uma Germanística atormentada pela síndrome do contato?]. Para Mecklenburg, ainda, a *literatura regional* e o ‘Realismo poético’ dos epígonos de Auerbach fundem-se em uma identidade quase total.⁴⁷ Mas o que dizer dos textos vienenses de cidade grande, de Adalbert Stifter,⁴⁸ ou dos romances urbanos, de Paul Heyse,⁴⁹ dos “romances berlinenses”, de Fontane?⁵⁰ O que dizer da Viena de Nestroy, das farsas da velha Berlin, de Kalisch,⁵¹ do anti-idílico, de Gotthelf no *Bauernspiegel*?⁵² E de Döblin, Grass, Uwe Dick, Inge Merkel⁵³ ou de Manfred Peter Hein?⁵⁴ “Onde está o país dos Panzerpratenkrebse?⁵⁵ Onde corre o pequeno riacho claro, no qual a truta chamada Franz Ferdinand chuta seus pênaltis?”⁵⁶ Literatura regional não precisa ser necessariamente uma literatura estético-real idilizadora do torrão natal, não precisa ser necessariamente uma literatura de vilarejo ou de província: “Nós morávamos bem longe, lá fora, em Ottaking, em uma casa nova na época, em um aquartelamento de aluguel, apinhado de cima a baixo de pessoas pobres.”⁵⁷ Mesmo “o escritor provinciano mostra-se [muitas vezes] um contador de

⁴⁶ Uma seleção pode ser encontrada sob o título Berthold Auerbach: *Schwarzwälder Dorfgeschichten*. Seleção e posfácio de Jürgen Hein. Stuttgart 1994.

⁴⁷ Mecklenburg, *Erzählte Provinz* [ver nota 25], p. 71.

⁴⁸ Adalbert Stifter: *Wien. Die Sonnenfinsternis*. Com um posfácio de Johannes Urzidil. Stuttgart 1983.

⁴⁹ Ver Jürgen Joachimsthaler: “Wucherblumen auf Ruinen”. *Nationalliterarische (Des)Integration bei Paul Heyse*. In: Lasatowicz; Joachimsthaler, *Nationale Identität* [ver nota 13], p. 217-254.

⁵⁰ Em 1985 a editora Wilhelm Heyne, de Munique, publicou, sem indicação de organizador, uma coleção em três volumes dos “*Berliner Romane*”, de Fontane, com ilustrações de Christian Wilhelm Allers, com desenhos realistas extremamente exatos, dando a impressão nostálgica dos ‘bons velhos tempos’ que, na sua aparente ingenuidade, parecem não se adequar muito bem ao conteúdo dos romances. Elas mostram, contudo, os interesses político-locais por uma Berlim Antiga, dos ‘bons velhos tempos’, no público leitor almejado.

⁵¹ David Kalisch: *Hunderttausend Taler. Altberliner Possen 1846-1848*. 2 vol. Berlin 1988.

⁵² O sentimento de não-pertencimento do pobre à pátria em uma pátria, a cujo pertencimento ele não se vê no direito – Bitzjus Gotthelf, que não deve ser reduzido aos Romances-*Uli*, mostra-se neste primeiro a partir de seus mais afiados lados: Jeremias Gotthelf: *Der Bauernspiegel oder Lebensgeschichte des Jeremias Gotthelf von ihm selbst beschrieben*. Com um ensaio de Walter Muschg. Zürich 1986.

⁵³ Inge Merkel: *Die letzte Posaune*. Frankfurt/M. 1988.

⁵⁴ Manfred Peter Hein: *Fluchtfahrten*. Zürich 1999.

⁵⁵ N. T. Trata-se aqui de um local poética fantástico de Uwe Dick. Ver nota seguinte.

⁵⁶ Uwe Dick: *Sauwaldprosa. Erweitert um 2 x 13 Taschenbuchstaben zur Weltformel*. München 1981, p. 7.

⁵⁷ Josefina Mutzenbacher: *Die Lebensgeschichte einer wienerischen Dirne, von ihr selbst erzählt*. Prefácio de K. H. Kramberg. Em anexo “Beiträge zur Ädöologie des Wienerischen” de Oswald Wiener. Reinbek bei Hamburg 1978.

contos de fadas anarquista.”⁵⁸ E muitas vezes a ‘sua’ província é a cidade grande. Dadaísta, expressionista e surreal.⁵⁹

O motivo dessa avalanche de literatura regional desde o século XIX está, na verdade, não somente na procura do contraponto idealizado, hoje visto, acertadamente, como ideologia do passado, entre campo (como ‘Região’, portanto?) e cidade (como ‘Não-Região’?), e a equiparação conservadora desse contraponto ao da antiga ordem com as novas possibilidades e pressões, mas também no desejo de apoderar-se, sob a pressão da burguesia despertada politicamente, do próprio meio como algo agora politicamente também seu: apropriar-se do meio, já emocionalmente tornado pátria, como pátria também cultural e jurídica. Em reação a esse esforço, a *literatura regional*, que já existia (e era enfaticamente elogiada⁶⁰), passa a ter sentido característico exclusivamente regional. Ela se tornará *Literatura Regional*. E mesmo o agressivo ‘Realismo’-*kitsch*, enquanto não representa pura literatura fantasma, enquanto exotismo interno alemão e turismo inicial (mas *Literatura sobre regiões* ainda não é *Literatura Regional!*), ainda pode, como representação secularizada e regionalmente concretizada do paraíso, incorporar a reivindicação emancipatória, o que, como quer que seja, deveria tornar sonhos dourados (Rauschgoldengelreich) em realidade no aqui e agora. Idealizações já referem de modo suficientemente frustrante e por isso, por outro lado, com estímulo a melhorias, que a realidade não está de acordo com eles.

E como uma literatura interessada na ‘própria’ região deve delimitar seu objeto? Está ele no espaço privado do lar, no vilarejo, na cidade, no bairro, no país, em toda a Alemanha ou mesmo na Europa? Vista de forma global, a Europa também é somente uma região, ou deixa-se dividir em outras regiões, em partes dessas regiões e cada parte novamente em outras partes? E não são possíveis diferentes subdivisões, que podem levar a regiões incompatíveis entre si? Por exemplo, junto e dentro da região da Baviera, representada literariamente como um todo, aparecem como subregião: o

⁵⁸ Ingrid Gurlinger: *Gottfried Kölwel. Studien zu seinem erzählerischen Werk*. Frankfurt entre outros 1991 (=Regensburger Beiträge zur deutschen Sprach- und Literaturwissenschaft 50), p. 37.

⁵⁹ Ver Ernest Wichner; Herbert Wiesner (Org.): *Industriegebiet der Intelligenz. Literatur im Neuen Berliner Westen der 20er und 30er Jahre*. Livro da exposição. Berlin 1990.

⁶⁰ Somente elogios e orgulho expresso para beleza ou significado de uma região ainda não são uma programática fomentadora, reivindicadora ou refletora de identidade; pertencem, portanto, à literatura regional e ainda não à *Literatura Regional*. N. T. As maiúsculas são destaque do autor.

Allgäu,⁶¹ a Suábia Bávara,⁶² a Francônia,⁶³ a Alta Baviera,⁶⁴ o Alto Palatinado⁶⁵ (no período nazista acrescido da terra dos sudetos na região literária de uma etnia do “Alto Palatinado e de Egerland”⁶⁶), uma Bavária Leste⁶⁷ um pouco mais difusa, e outras delimitações como a Floresta da Boêmia⁶⁸, com variações que chegam até comunidades⁶⁹ ou vilarejos isolados.⁷⁰ Georg Britting⁷¹ e Gottfried Kölwel,⁷² por exemplo, desenvolveram a representação de pequenos espaços mitificados de expressionismo tardio, que podem trazer à luz as potenciais particularidades das regiões: a “kleine Welt am Strom”⁷³, de Britting, era Regensburg; a “frühe Landschaft”⁷⁴, de Kölwel, era a Beratzhausen reficcionalizada de forma mordaz para “Bertolzhausen,”⁷⁵ no vale do Laaber, na Jura do Alto Palatinado, ao passo que a capital do Alto Palatinado, Regensburg, localizada próximo dali, permanece “particularmente”⁷⁶ distante. Definições de área diferentes, contraditórias entre si e

⁶¹ Ver Ernst T. Mader: *Literarische Landschaft bayerisches Allgäu. Grundzüge einer regionalen Literaturgeschichte*. Blöcktach 1994. N. T. Para alguns nomes próprios de regiões optou-se deixar o nome pelo qual a região em questão é conhecida. Allgäu é uma região que se estende para a parte sudoeste do estado de Bayern, sendo também o Allgäu parte do estado vizinho de Baden-Württemberg, além de parte da Áustria.

⁶² Hans Pörnbacher: *Literatur in Bayerisch Schwaben. Von der althochdeutschen Zeit bis zur Gegenwart*. Weissenhorn 1979 (=Beiträge zur Landeskunde von Schwaben 6).

⁶³ Manfred Buhl (Hrsg.): *Fränkische Klassiker. Eine Literaturgeschichte in Einzeldarstellungen mit 255 Abbildungen*. Nürnberg 1971.

⁶⁴ Max Dingler: *Die oberbayrische Mundartdichtung*. Günzburg 1953 (=Bayrische Volksbücherei A 1).

⁶⁵ Manfred Knedlik; Alfred Wolfsteiner (Org.): *Literarische Klosterkultur in der Oberpfalz. Festschrift zum 300. Geburtstag von P. Odilo Schreger*. Kallmünz 1997.

⁶⁶ Karl Winkler: *Literaturgeschichte des oberfälzisch-egerländischen Stammes*. 2 vol. Kallmünz 1940. N. T. O termo Egerland (em tcheco Chebsko), em sentido mais restrito, é uma região no leste da República Tcheca. Ela recebe este nome devido à cidade de Eger (em tcheco Cheb).

⁶⁷ Fritz Wiedemann (Org.): *Bilder aus der Heimat. Szenen und Begebenheiten aus der Geschichte Ostbayerns*. Regensburg 1989.

⁶⁸ Um exemplo seria: Manfred Böckl: *Šumava. Ein Epos aus dem Böhmerwald*. Passau, Regensburg 1992.

⁶⁹ Ver Roman Eder: *Frauenau. Chronik eines Bayerwalddorfes*. 2 Vol. Morsak 1998/99.

⁷⁰ Ver a revista semestral *Alt und Jung Metten* (com mais de 300 p. anualmente), que é editada há muitas décadas pelo mosteiro de Metten e que contém, juntamente com notícias do mosteiro e do vilarejo de Metten, sempre também exemplos da produção literária monástica de Metten. O círculo receptor dessa literatura são, em primeiro lugar, ex-alunos da escola e do internato do mosteiro.

⁷¹ Sobre Britting ver Dietrich Bode: “Georg Britting. Geschichte eines Werkes.” Stuttgart 1962. Bernhard Gajek; Walter Schmitz (Org.): *Georg Britting (1891-1964). Vorträge des Regensburger Kolloquiums 1991*. Frankfurt/M. u.a. Regensburg 1993 (=Regensburger Beiträge zur deutschen Sprach- und Literaturwissenschaft B 52). A referência regional é enfatizada em: Hans Giehl: “Brittings Regensburg und Passau.” In: Albrecht Weber (Org.): *Interpretationen zu Georg Britting. Beiträge eines Arbeitskreises*. München 1974, p. 51-64.

⁷² Sobre Kölwel ver principalmente: Girlinger, *Kölwel* [ver nota 57].

⁷³ Georg Britting: *Die kleine Welt am Strom. Geschichten und Gedichte*. München 1933. Ver sobre o tema também Walter Schmitz: “‘Die kleine Welt am Strom.’ Georg Britting, ein Dichter aus Regensburg.” In: Albrecht Weber (Org.): *Handbuch der Literatur in Bayern*. Regensburg 1987, p. 493-501.

⁷⁴ Gottfried Kölwel: *Die frühe Landschaft. Gedichte und Skizzen*. München 1917.

⁷⁵ Gottfried Kölwel: *Bertolzhausen. Denkwürdige Ereignisse, wie sie sich einst komisch zugetragen haben im bayerischen Nordgau*. Trier 1925.

⁷⁶ Eberhard Dünninger: “Gottfried Kölwel und Georg Britting – Expressionismus und Regionalität in ihren Erzählungen.” In: Gajek; Schmitz, *Britting* [ver nota 70], p. 99.

sentimentos regionais de pertencimento sobrepõem-se e cruzam-se (muitas vezes em um mesmo indivíduo).

Mas também a tentativa de definir região a partir de uma perspectiva subjetivamente relacionada ao meio traz novos problemas: as delimitações geográficas individuais de contexto não só são muito diferentes em qualidade, mas também heterogêneas em si; elas muitas vezes se agrupam, a partir de ilhas contextuais de tamanhos variados, em cidades, países ou até continentes totalmente diferentes. *Das Leben meiner Mutter*, de Oskar Maria Graf (escrito na Tchecoslováquia e nos USA) não à toa é programaticamente um dos mais importantes textos da literatura bávara, com um olhar da “minha janela de hotel em Moscou para a agitada cidade iluminada.”⁷⁷ [Um exemplo atual em forma de livro técnico de concepção de literatura de identificação da Alta Silésia descreve, enfim, sobretudo não a Alta Silésia, mas as viagens feitas da Alta Silésia para o mundo?].⁷⁸

A experiência de mundo como elemento constituinte da identidade regional tende, da mesma forma, a dissolver qualquer clara demarcação e delimitação, como acontece com as identidades regionais geograficamente cruzadas. Um habitante de Regensburg pode se sentir tanto um cidadão livre na cidade do “*Immerwährenden Reichstags*”⁷⁹ (Regensburg), quanto um habitante do Alto Palatinado, ou um bávaro, ou antes ainda um habitante da região do Danúbio ligado ao Mar Negro pela lealdade comercial ou de transporte, bem como um morador da antiga província de Récia e, portanto, integrante da parte da Alemanha já civilizada pelo mundo romano; esse mesmo cidadão pode-se sentir também habitante (porventura protestante) da parte da Alemanha (ou da Europa) simpática ao pecaminoso barroquismo católico-sensível,⁸⁰ bem como habitante de uma região mista de elementos celtas, romanos, judeus, germânicos e eslavos e muitos outros mais.

Uma região é, portanto, ‘simplesmente’ uma condensação de espaço cultural (mais de uma pode se sobrepor em um só local) usada por indivíduos como motivo para a construção de identidades regionais, no que elas [as condensações] atribuem um sentido para a identificação de caráter identitário aos espaços. As identidades

⁷⁷ Oskar Maria Graf: *Das Leben meiner Mutter*. Com um posfácio editado por Wilfried F. Schoeller. München 1997, p. 657.

⁷⁸ Marek Szoltysek: *¿! skie Podró íe*. Rybnik 2000.

⁷⁹ O “contínuo parlamento” (*Immerwährende Reichstag*) foi a definição para a representação dos grupos no Sacro Império Romano-Germânico (*Heiligen Römischen Reich*), de 1663 a 1806, em Regensburg.

⁸⁰ Sobre o “prazer da falta (pecado)” trata Kölwel, *Bertolzhausen* [ver nota 74], p. 183.

sobrepostas não se excluem umas às outras: elas são possíveis simultaneamente, mesmo com suas diferenças, pois, por princípio, as identidades regionais não seguem o princípio de exclusão das identidades nacionais. Por mais que a monoculturalização retórica ocasionalmente também seja um elemento de identidade da literatura regional, a regionalidade não se deixa equiparar com ela e com as delimitações de fronteira ligadas a ela. Por isso, parece-me inoportuna a tentativa de Block de definir a regionalidade com base na diferença interior *versus* exterior: “Espaços, e por sua vez as regiões, não se formam por si, mas são produzidos no domínio da observação e inscritos social e culturalmente. Nesse sentido geral, o regional pode ser concebido como um modo de delimitação de fronteira (lat. *regere*: marcar, guiar, conduzir fronteiras). [...] Aqui portanto propõe-se conceber região não, como usualmente, a partir de proporções de tamanho (como espaço de tamanho mediano), mas a partir de considerações qualitativas e pragmáticas: como algo delimitado, com o qual um interior é blindado por um exterior.”⁸¹ Essa definição vale para uma identidade e uma literatura monoculturalista, mas não no caso de regionalidades pluriculturais. Não é, portanto, apropriada para definir completamente a região como objeto literário e a imagem consciente de região gerada através de sua literarização. Contrariamente à literatura nacional, a regional não fica na dependência de se opor a um ‘outro’ semelhante (apesar de isso poder acontecer).

Na Alemanha, a regionalidade remonta originalmente ao fato de que a territorialização resultava em planos e não no reino em si, de modo que a Alemanha não “se limitava a uma cidade imperial ou a uma ideia de residência”⁸², e a emancipação da burguesia (por isso enormemente dificultada) incorporava-se aos menores e maiores territórios abaixo do plano de reino ou federação alemã. Ao lado das diferentes tradições culturais variadamente cobertas entre si e dos desejos por co-determinações locais e regionais nas unidades administrativas ordenadas hierarquicamente para cima pelo vilarejo e pela cidade, eram então, antes de mais nada, secularização e mediatização que contribuía para a mistura complementar dos planos identitários regionais: A Baviera, por exemplo, precisou (?) integrar os moradores de mais de 230 formações políticas e diversas áreas monásticas, antes praticamente autônomas, e unificar bávaros, francônios, suábios, palatinados, católicos, protestantes e judeus em

⁸¹ Friedrich W. Block: “Innen und Außen in der Literatur – Die Frage nach dem Regionalen im Umgang mit architektonischen Texträumen.” In: Anselm Maler (Org.): *Literatur und Regionalität*. Frankfurt/M. u.a. 1997 (= *Studien zur Neueren Literatur* 4), p. 211-228; aqui p. 212.

⁸² Jean Paul, *Werke* [ver nota 6], Parte I, vol. 5, p. 951.

cidadãos bávaros leais,⁸³ de modo que esse processo fomentou formações identitárias regionais em parte bávaras, “sub-bávaras”, não-bávaras e ocasionalmente até anti-bávaras (na forma de algo como um “partido francônio pela independência”) e mantidas até hoje. Em todos os estados alemães, as identidades eram, da mesma forma, múltiplas e diversificadas, como em todo o contexto alemão; a divisibilidade em pequenas partes da constituição estatal e de suas estruturas futuras aumentara muito a diversidade dos contextos, dependendo muitas vezes de incontroláveis preferências e aversões casuais de senhores individuais: “A cavalaria não precisava de cidade. [...] Jerichow era pobre demais para construir uma canalização; a cavalaria não precisava dela. Não havia cinema em Jerichow; a cavalaria não estava para a descoberta.”⁸⁴

Uma explicação do fenômeno regionalidade com base no antagonismo entre periferia e centro praticamente não faz sentido⁸⁵ na Alemanha (o que não exclui que o fenômeno possa ter existido, e ainda existir, em especial dentro de territórios maiores: é só pensar em certo ressentimento hostil a Munique na Baviera, e em como ele surgiu como possibilidade no Império Alemão), principalmente desde 1933, uma vez que nunca existiu um centro comum reconhecido por todos, em oposição ao qual as regiões poderiam constituir-se como periferia. Antes, o ‘todo’ de nação foi de antemão projetado para o ‘seu’ futuro (e ainda hoje o é ao longo da diferença entre novos e antigos estados alemães) *a partir de regiões* como um projeto a ser alcançado utópica e temporalmente. Para Gervinus, por exemplo, em 1831, a (futura) literatura nacional alemã ainda precisava ser reunida a partir “das histórias da literatura provincianas; precisavam, portanto, ser procuradas primeiramente nelas.”⁸⁶ Não existiam outras.

As diferenças mestras, cuja regionalidade se constituiu no espaço linguístico alemão, eram, além disso, de outro tipo, mais complexo que a suspeita de periferia centralista (mas expressando-se a partir de quê centro?) costuma esclarecer: primeiro, existia uma diferença *interna*, que perpassava o conceito de ‘povo’, tão mal usado mais

⁸³ Hans-Ulrich Wehler: *Deutsche Gesellschaftsgeschichte*. Vol. 1: *Vom Feudalismus des Alten Reiches bis zur Defensiven Modernisierung der Reformära*. 1700-1815. München²1989, p. 373.

⁸⁴ Uwe Johnson: *Jahrestage. Aus dem Leben der Gesine Cresspahl*. Frankfurt/M. 2000, p. 30.

⁸⁵ Contra isso Hans-Peter Ecker: “Authentizität. Über eine problematische Qualität regional orientierter Literatur.” In: Maler, *Literatur und Regionalität* [ver nota 80], p. 9-22. Ver também Hans-Peter Ecker: *Region und Regionalismus. Bezugspunkte für Literatur oder Kategorien der Literaturwissenschaft?* In: *DVjS* 63 (1989), p. 295-314; idem: “Zum Umgang mit sogenannter ‘Regionalliteratur’. Probleme der Theorie, Möglichkeiten der Praxis.” In: Georg Behütens; Gerhart Lippert (Org.): *Die literarische Moderne als Herausforderung für den Deutschunterricht / Deutschunterricht und Kulturwandel in der Region. Eine Dokumentation*. Dillingen 1992 (=Akademie für Lehrerfortbildung Dillingen 215), p. 161-172.

⁸⁶ Georg Gottfried Gervinus: *Zur Geschichte deutscher Nationalliteratur*. Heidelberg 1831, p. 63s.

tarde, diferença essa que salientava (muitas vezes com eles, geralmente contra eles) o desejo do território e de sua população por administração racional e emancipação civil perante os soberanos; e, segundo, quando aos poucos um crescente movimento suprarregional, um movimento metarregional, teve como consequência a decisão e o trabalho conjunto entre as regiões, até o projeto de uma nação alemã unificada. Somente os processos de unificação nacional – inicialmente aplicados pelas próprias regiões dentro das regiões⁸⁷ –, instaurados paulatinamente, deixaram sobressair, enfim, o regional como algo particularmente especial:

Quem quiser assumir o compromisso de escrever uma história do dialeto bávaro, confronta-se logo de início com dificuldades. Como foi dito, antes de ocorrer a unificação da ortografia alemã, há, em certo sentido, apenas dialetos: só atualmente entendemos ‘dialeto’ em oposição à língua de uso comum. Quando esta foi criada, e apesar disso, os dialetos regionais continuaram a se desenvolver, tanto os do médio alto-alemão como os do baixo alto-alemão, conforme suas leis fonéticas inerentes e a necessidade de condicionarem-se ao meio. [...] Somente no século XIX (exatamente a partir da virada do século XVIII para o XIX) os dialetos alemães mais importantes encontraram os seus poetas.⁸⁸

Essa diferença mestra, que caracteriza regionalmente o específico como o subnacional (mas não necessariamente como antinacional), diluía de forma singular (interregional) com diferenças estéticas dentro das *regiões*, valendo, ainda no século XVIII, o regionalmente específico como característica do povo preso à terra e incorporava, perante à nobreza internacional e à alta burguesia, a inferioridade engraçada [caipira] de seus súditos iletrados e incapacitados intelectualmente (e naturalmente a nobreza provinciana pobre e ‘mofada’ não escapava do escárnio⁸⁹). O uso de dialeto ou de traços locais, no tempo das cláusulas de classe (*Ständeklausel*)⁹⁰, serviam para

⁸⁷ “Na Baviera a nova ortografia alemã é implantada, por assim dizer, de cima no espaço do médio alto alemão e baixo alto alemão como forma válida na segunda metade do século XVIII, e precisamente através da reforma do Ensino com uma adaptação ordenada nas nomeações há muito impostas no restante espaço linguístico alemão.” Heinrich Tiefenbach: Von den Schwierigkeiten auf dem Wege zu einem einheitlichen Deutsch. In: *Jahrbuch für Internationale Germanistik* 29/1 (1997), p. 132-156; aqui p. 145.

⁸⁸ Dingler, *Die oberbayrische Mundartdichtung* [ver nota 63], p. 19.

⁸⁹ Um exemplo é o livro reimpresso de Johann Gottwerth Müller: *Siegfried von Lindenberg. Komischer Roman*. Com gravuras de Daniel Chodowiecki. München 1976 [primeira edição 1779].

⁹⁰ N. T. Trata-se de um princípio dramático-poético, geralmente ligado ao nome de Johann Christoph Gottsched que tentava levar os princípios do clássico francês para o teatro alemão. Assim, na tragédia deveriam ser apresentados somente os destinos de reis, príncipes e ou outras pessoas de classe alta. Os modos de vida de pessoas da burguesia, por sua vez, deveriam ser trazidas ao palco somente em comédias. O princípio foi justificado a partir do fato de que à vida do burguês faltava em grandeza e em sentido. Não somente as pessoas no palco distinguiam-se neste contexto. Isso se mostra nos privilégios dos teatros dos séculos XVIII e XIX: Os teatros da corte estavam autorizados a encenar tragédias (às quais também pertenciam óperas e ballets sérios), enquanto os teatros populares, que se disseminavam, somente podiam encenar comédias (às quais se somavam as óperas cômicas e a pantomima).

escárnio das personagens camponesas ou pequeno-burguesas nas comédias ou nos romances cômicos até o iluminismo, passando pelo *deutsche Kleinstädter*⁹¹, de Kotzebue. Os fanáticos da unidade nacional, para quem as diversidades regionais eram um desvio ou uma fraqueza, que assumiram o posto de vigilantes suprarregionais no tempo das cláusulas de classe, transmitem até hoje essa visão – inclusive sob a bandeira de esquerda. Isso se tornaria trágico em regiões multiétnicas, como a Alta Silésia, onde as ideologias nacionalistas lançaram as etnias uma contra a outra em nome de salvar a nação dos conflitos. Ali, por meio da *nacionalização* da(s) literatura(s) regional(is), moldou-se a literarização da região de tal forma que, ao invés de uma literatura regional, surgiu uma literatura nacional(ista), com o emprego de elementos regionais, o que, na melhor das hipóteses, só se pode chamar de literatura nacional-regional, sendo prometida aos habitantes regionais ‘mais baixos’, conforme a modelagem das cláusulas de classe, ascensão de situação cultural que se torna implícita através da nacionalização (alemã ou polonesa). Nas melhores obras (em língua alemã ou polonesa) de literatura da Alta Silésia, como em Scholtis, Janosch, Bienek ou Gajewski, a reivindicação regional e a significação nacional-regional transmitida de realidades regionais dentro dos próprios textos estão em um constante conflito (e, de caso em caso, terminando de forma diferente) entre si.⁹²

De qualquer modo, a tentativa de compreender a regionalidade dentro de uma escala hierárquica – regionalidade, nacionalidade, internacionalidade,⁹³ – (impressa consciente ou inconscientemente na perspectiva nacionalizadora) é inapropriada como modelo categorizador para a compreensão do fenômeno da regionalidade: por um lado, nenhuma identidade regional quer ou pode ser absorvida por uma nacional para somente então seguir o curso carregado de guerra e violência das utopias nacionalistas e internacionalistas em relação ao intercultural, atribuído às regiões; por outro lado, regiões maiores como a Europa Central⁹⁴ nem podem mais ser compreendidas a partir

⁹¹ August von Kotzebue: *Die deutschen Kleinstädter. Ein Lustspiel in vier Akten*. Com um posfácio de Otto C. A. zur Nedden. Stuttgart 1987 [primeira encenação 1802]. Destaque-se como Madame de Staël resume as mudanças de Kotzebue em relação do modelo francês, *La petite ville*, de Picard (1801): “Picard apresenta os provincianos como eles constantemente procuram macaquear Paris, Kotzebue os cidadãos de uma pequena cidade, que são orgulhosos de seu local e o julgam incomparável.” Madame de Staël: *Über Deutschland*. Org. e introdução de Anna Mudry. Berlin 1989, p. 106s.

⁹² Sobre isso veremos mais a seguir.

⁹³ Ver o título de Lothar Fietz (Org.): *Regionalität, Nationalität und Internationalität in der zeitgenössischen Lyrik*. Tübingen 1992.

⁹⁴ Ver a nova revista *Kafka*, publicada desde 2001, que surge paralelamente em diversas línguas da Europa Central e também Eberhard Busek; Gerhard Wilfinger (Org.): *Aufbruch nach Mitteleuropa. Rekonstruktion eines versunkenen Kontinents*. Wien 1986; Karl Schlögl: *Die Mitte liegt ostwärts. Die Deutschen, der verlorene Osten und Mitteleuropa*. Berlin 1986; Karl Markus Gauß: *Die Vernichtung*

de um modelo fixado na forma do estado-nação. Ele somente retoma aquele olhar senhoril ‘de cima’ sobre regiões dominadoramente nacionalizáveis, olhar que logo deve unir os partidos nacionais com os até então governantes únicos.

A ação cultural dos ‘de cima’ transformava as populações regionais não somente em figuras de escárnio a serem ainda educadas (ou nacionalizadas): ela lhes impunha simultaneamente, no plano simbólico, o fardo de incorporar a vida ‘natural’ civilizadamente livre, da qual as camadas superiores tinham tanta saudade: “No século XVIII, a corte [bávara] adotou o traje de Dachau representando o camponês e a camponesa (ao invés do pastor e da pastora).”⁹⁵ A procura por trabalhos no campo e no estábulo, nas colheitas ou como serviçais e domésticas parece não ter existido. Ao invés disso, cultivavam-se extravagâncias divertidas e pitorescas, concentradas em estereótipos regionais, baseadas em representações senhoris muito antigas dos ‘simples’ súditos aldeões, até hoje propagadas⁹⁶ – basta pensar nas representações do estereótipo do “jovem camponês” feliz, brigão e beberão da Bavária⁹⁷, baseado no século VI⁹⁸, reforçado no século XVI por Aventin⁹⁹ e difundido no século XVIII por Friedrich Nicolai¹⁰⁰:

O fortão vestido de calça de couro, de rosto vermelho e bigode espesso; sobre a cabeça o chapéu verde com opulenta camurça ou de galo de lira (*Lyrurus tetrix* L.); o casaco jogado despreocupadamente sobre os ombros, um cantarolar obstinado sobre os lábios, a arma – entenda-se, para a caça – pendurada; ele toma seus 8 a 10 copos¹⁰¹ de

Mitteleuropas. Klagenfurt, Salzburg 1991; Andreas Pribersky (Org.): “Europa und Mitteleuropa? Eine Umschreibung Österreichs.” Wien 1991; Stefan H. Kaszynski: “Der literarische Mythos von Mitteleuropa.” In: Idem: *Österreich und Mitteleuropa. Kritische Seitenblicke auf die neuere österreichische Literatur*. Pozna, 1995, p. 13-26.

⁹⁵ Bernhard Gajek: “Nachwort.” In: Thoma, *Agricola* [ver nota 8], p. 125-164; aqui p. 141.

⁹⁶ Ver “Unter dem Zeichen der weiß-blauen Raute. Das Bayernbild in der Werbung.” In: *Charivari* 1990, Cad. 5, p. 123-127.

⁹⁷ Ver Bernhard Gajek: “Von der Schwierigkeit, Nationaldichter zu sein. Ludwig Thomas Beitrag zur bairischen Literatur.” In: Diethelm Klippel (Org.): *Colloquia für Dieter Schwab zum 65. Geburtstag*. Bielefeld 2000, p. 51-65; aqui p. 53.

⁹⁸ Citado segundo Dietz-Rüdiger Moser: “Vorurteile. Bayern über Preußen und Preußen über Bayern.” In: Johannes Erichsen, Evamaria Brockhoff (Org.): *Bayern & Preußen und Bayerns Preußen. Schlaglichter auf eine historische Beziehung*. Regensburg 1999, p. 100-120; aqui p. 100.

⁹⁹ *Johannes Turmair's genannt Aventinus Bayerische Chronik*. Org. por Matthias Lexer. Vol. 1, München 1883, p. 42: “O bávaro passa dia e noite no vinho, grita, canta, dança, joga cartas; gosta de quem tenha um assado de porco e uma grande faca. Um grande e exagerado casamento, um banquete de despedida de um morto, uma quermesse, nada disso é condenável, ninguém terá prejuízo e ninguém será levado a mal.” Em alemão: “sitzt tag und nacht bei dem wein, schreit, singt, tanzt, kartspilt; mag wer tragen, schweinspieß und lange messer. Grosse und überflüssige hochzeit, totenmal und kirchtag haben ist êrlich und unstrâflich, reicht kainem zu nachteil, kumpt keinem zu übel.” Tradução livre do tradutor.

¹⁰⁰ Ver Friedrich Nicolai: *Beschreibung einer Reise durch Deutschland und die Schweiz im Jahre 1781*. Vol. 6. Berlin, Stettin 1785.

¹⁰¹ N. T. O copo neste caso equivale um copo grande – Maß –, termo usado no sul da Alemanha e também na Áustria para designar um copo que antigamente equivalia a 690 ml, hoje equivale a exatos 1000 ml.

cerveja ao dia, entre isso tomava rapé marrom escuro; por esporte preferia Fingerhakln,¹⁰² levantamento de pedras e a tão desejada competição para ver quem come mais almôndegas (de pão ou de batata) ou joelho de porco. À noite invade, provido de uma longa escada, a janela da amada,¹⁰³ vai ao campo e naturalmente até a guardadora do gado; numa área de mais dias de caminhada vivem espalhados diversos filhos, cujas mães obviamente também são guardadoras de gado ou pelo menos o foram algum dia.¹⁰⁴

Em torno dessas personagens iniciou-se, por volta de 1800, a literarização das regiões: justamente a ‘naturalidade’ real e indisciplinada das figuras, das variações regionais decoradas de forma hesitante do ‘nobre’ selvagem, que se localiza, segundo as cláusulas de classe, ‘em baixo’, no ‘povo’, eram apropriadas, apesar de todas as constantes implicações discriminatórias como representativas personificações do povo, para servir como porta-voz à emancipação burguesa sob as diferentes condições, de região para região, em personagem regionalmente concretizada. O *Zundelfrieder*¹⁰⁵, de Johann Peter Hebel, o *Lumpazivagabundus*¹⁰⁶, de Nestroy, ou o *politisierender Eckensteher*¹⁰⁷, de Adolf Glassbrenner, puderam representar, da mesma forma como a figura do “interiorano,”¹⁰⁸ que se tornou cada vez mais moda na Baviera, a voz do povo também frente às autoridades estatais e (eclesiais) na encenação popular contemporânea, em jornais e revistas.¹⁰⁹ Para isso, contudo, foi registrada desde o início como característica regional aos territórios alemães a ‘baixa’ estética da farsa resultante das cláusulas. Numa perspectiva americana, a ‘baixa’ literatura da Alemanha parece

¹⁰² N. T. Trata-se de um jogo em que os dois jogadores batem alternadamente um os dedos do outro. O indicador e o médio são unidos e batidos nos mesmos dedos do oponente. Vence quem aguentar mais tempo as batidas.

¹⁰³ N. T. Trata-se de uma tradição, principalmente da Áustria, em que o suposto namorado na moça invadia os aposentos da moça. Isso se dava porque a sociedade impedia os contatos entre os jovens. Como hoje a proximidade é permitida, não é necessário contato à noite, às escondidas.

¹⁰⁴ Nina Gockerell: *Das Bayernbild in der literarischen und „wissenschaftlichen“ Wertung durch fünf Jahrhunderte. Volkskundliche Überlegungen über die Konstanten und Varianten eines Auto- und Heterostereotyps eines deutschen Stammes*. München 1974 (= *Miscellanea Bavarica Monacensia* 51), p. 226.

¹⁰⁵ Sobre o assunto ver Jan Knopf: “Nachwort.” In: Johann Peter Hebel: *Schatzkästlein des rheinischen Hausfreundes*. Reimpressão da edição de 1811 assim como as histórias completas dos almanaques extraídas do “*Rheinländischen Hausfreund*” dos anos de 1808-1819. Org. e com um posfácio de v. Jan Knopf. Frankfurt/M. 1984, p. 569-584; aqui p. 572s.

¹⁰⁶ Johann Nestroy: *Der böse Geist Lumpazivagabundus oder das liederliche Kleeblatt. Zauberposse mit Gesang. Der Talisman. Posse mit Gesang. Freiheit in Krähwinkel. Posse mit Gesang*. München 1983.

¹⁰⁷ Adolf Glassbrenner: *Der politisierende Eckensteher*. Seleção e posfácio de Jost Hermand. Stuttgart 1969.

¹⁰⁸ Ver Gajek, *Nachwort* [ver nota 94], p. 141. N. T. Na linguagem dialetal do sul da Alemanha a palavra *G’scherten* refere-se de forma pejorativa, preconceituosa no sentido de fazer piada, às pessoas do interior, pois estas, por exemplo, antes de irem à cidade se arrumavam, iam ao cabelereiro, e daí vem a palavra *frisch geschoren, Gschertter*. Como no Brasil também existe este tipo de menosprezo, tomei a liberdade de usar o termo “interiorano”, um pouco mais brando.

¹⁰⁹ Ludwig M. Schneider: *Die populäre Kritik an Staat und Gesellschaft in München (1886-1914). Ein Beitrag zur Vorgeschichte der Münchener Revolution von 1918/19*. München 1975, p. 206.

mais rapidamente compreensível, se vista em perspectiva regional.¹¹⁰ Essa perspectiva, contudo, distorce: também a ‘alta’ literatura da Alemanha está fortemente impregnada de cunho regional até o presente¹¹¹ e, frequentemente – pense-se somente em Grass –, regional até a mais pura preferência por figuras ‘pobres’, como a de Mazerath.

A regionalização de territórios na Alemanha ocorreu em um contexto de forças carregado de tensão: a política literário-cultural e a autoridade civil lutavam, muitas vezes uma contra a outra, por uma formação identitária, com efeito tanto para dentro como para fora, e tentavam alcançar uma identidade da região que lhes assegurasse um lugar importante na nação, naquela época ainda um “local sem espaço-sensível na realidade.”¹¹² A reivindicação da particularidade diluía-se muitas vezes de forma contraditória pelo fato de ser um modelo cunhado para o universal ainda não tornado realidade. Isso fica especialmente claro no exemplo da Baviera: os habitantes de Wittelsbach passaram a preservar “o espírito nacional [...] da Baviera,”¹¹³ depois que o barão de Aretin, Johann Christoph, o exigiu deles, já em 1810; simultaneamente mantiveram também o espírito regional bávaro e o surgimento de um cenário científico e cultural orientado para uma universalidade alemã com ponto de referência em Munique. Ambas as iniciativas deveriam ajudar a produzir de cima um sentimento identitário coletivo, para o qual os habitantes da Baviera deveriam ser atraídos,¹¹⁴ de modo que a política monárquica de nomeação buscou diversos ‘Nordlichter’ e ‘Krokodile’¹¹⁵ para Munique, contra os quais então se fez sentir, por sua vez, uma forte oposição da ‘Baviera antiga’,¹¹⁶ que em oposição à política cultural oficial começava a produzir uma (sua) representação própria da Baviera.

Essa necessidade de uma identidade regional ‘própria’, que foi vista como a oposição da ‘Baviera antiga’ e da ‘Baviera nova’, essa contraditória em si, que surgia

¹¹⁰ Jan Wirrer: “Low German literature: ist authors, ist publishers, ist readers. The ecology of literature from a regional perspective.” In: *Jahrbuch für Internationale Germanistik* 25 (1993), p. 69-92.

¹¹¹ Assim, com justiça Jürgen Grambow: *Uwe Johnson*. Reinbek 1997, p. 66.

¹¹² Schmitz, *Regionalität* [ver nota 16], p. 417.

¹¹³ Johann Christoph Freiherr v. Aretin: *Literarisches Handbuch für die bayerische Geschichte und alle ihre Zweige. Literatur der Staatsgeschichte von Bayern*. I. Parte, 1. Cad., München 1810, p. 5-18.

¹¹⁴ Ver Joachimsthaler, „*Wucherblumen*“ [ver nota 49], p. 221-232.

¹¹⁵ Johannes Mahr (Org.): *Die Krokodile. Ein Münchner Dichterkreis. Texte und Dokumente*. Stuttgart 1987. N. T. Preservou-se aqui o novo de ambos os grupos.

¹¹⁶ Ver [Anônimo = Anton von Ow]: *1860er Münchner Nordlicht-Kalender für Gebildete und Ungebildete waserlei Stands oder: „Die geistlosen und abergläubischen Zeremonien der katholischen Kirch“*, kritisch beleuchtet und mit allerlei ungeschliffenen Zierraten und Münchner Lokalposen zur Unterhaltung eingefädelt. München 1860. [Anônimo]: *Nordlicht und Wahrheit. Sendschreiben eines Altbayern an seine Landsleute, worin über alle große Herren vom Napoleon herab bis zum unbekanntesten Verfasser des Nordlicht-Kalenders [...] auf gut deutsch die Wahrheit gesagt wird*. München 1860.

como a identidade da conceituação dos habitantes de Wittelsbach, já pressupunha, com certeza, como causa inicial a ‘Baviera nova’ como seu oponente constituinte. O fato de estar insatisfeita com a pressão de adaptação que a nova política cultural exercia sobre os já culturalmente ativos (que devido a um mercado cultural praticamente inexistente esperavam por subvenções de mecenas e, por isso, precisavam levar muito a sério a política cultural estatal ainda em contradição) foi a condição para que, do amplo patrimônio de formas de expressão cultural à disposição, ela de fato tivesse que ser escolhida e programaticamente carregada; elas então se deixavam opor seletivamente ao ‘Bávaro novo’ como pretensão ‘original Bávaro antigo’. Significativamente, na fase inicial oposicionista dos cenários de sentido original da ‘Bavária antiga’, o catolicismo tradicional de proveniência pré-secularista figurava no centro dos patrimônios culturais defendidos como valor de defesa; enquanto então, anos depois, centro e igreja se tornaram alvos de ataques de alguns dos poetas, caricaturistas e cabaretistas que se apresentavam como ‘bávaros originais’. A construção de um ‘próprio’ expressa, enfim, oposição e sempre do lado oposto das alternantes correntes em câmbio como ‘impróprio’; ele necessita transformar-se, portanto, com elas.

Tradições foram construídas. Apesar de nelas ter-se tratado atualmente de artefatos modernos, que reuniam o todo contemporâneo em si mesmo, que contradizia abertamente a política de sentido oficial, foi oposto à modernidade enfatizada do autoritário Projeto Bavária em plano semântico, em idade e em atemporalidade como o ‘próprio bávaro’ do novo ‘Bávaro antigo’. Além disso, isso ainda foi complicado pelo fato de que a própria autoridade da política cultural dos habitantes de Wittelsbach trabalhava em um projeto de uma identidade bávara de validade eterna; de fato, descobria os conceitos e imagens-chave e os colocava à disposição, com cuja ajuda a oposição da ‘Bavária antiga’ podia se projetar em oposição ao ‘próprio’ da política cultural ‘imprópria’ frente aos soberanos. Pois a própria política cultural dinástico-estatal reclamava o monopólio da produção de um ‘próprio’ formador de identidade. Do ‘verdadeiro bávaro’.

Assim, aqui não se deveria estabelecer somente uma cena literária regional com pretensão nacional, que abreviaria a região concreta para um simples exemplo aplicativo da nação maior;¹¹⁷ ao mesmo tempo em que as tentativas das autoridades de “elevação

¹¹⁷ Sobre esse assunto ver também Hartmann, „Regionalität“ [ver nota 34], p. 597s.

do sentimento de nacionalidade bávaro [não alemão!]¹¹⁸ ameaçavam prender grande parte da população em uma reserva folclórica, na qual elas tinham por assumir a função daquelas ‘pessoas simples’, em cuja função a própria corte ainda gostava de se colocar no século XVIII:

Da cultura popular pouco se preservara. Até mesmo a traje dos colonos havia quase desaparecido, e em favor deles Maximilian lutou decididamente. A ‘roupa conforme a moda francesa’ parece ter vencido mesmo nos pequenos vilarejos e nas montanhas. Desta forma, o governo estabeleceu um programa diferenciado para a reintrodução do traje e da reativação de clubes de tiro e de festas populares: [...] Que isso tudo deveria afirmar a posição do trono bávaro era natural.¹¹⁹

O resultado inicialmente foi (desde o início do século XIX e reforçado desde os anos de 1890¹²⁰) um folclorismo de fomento turístico; portanto, “a preservação de traje, costume e arte popular”¹²¹ como compensação nostálgica que, como “realidade viva da cultura popular,”¹²² com certeza pôde ganhar algo como uma autenticidade secundária, “até que o novo antigo costume exercesse um encanto tão grande sobre as pessoas da cidade e sobre os ‘estranhos’, que deu-se uma adoração do bezerro de ouro, uma pândega turística pelo ouro, ‘indústria do turismo’. Auto-representação de vício de valores, honrado com a pretensão de fornecer o ‘verdadeiramente Boarisch.’¹²³ Com isso, está sendo facilitada a auto-afirmação bávara, na verdade muitas vezes disparatada à bavarização.”¹²⁴ ‘Verdadeiro’ e ‘falso’ muitas vezes eram praticamente indivisíveis um do outro – o que por sua vez precisou se tornar motivo para a literatura regional ‘crítica’. Em Lena Christ,¹²⁵ por exemplo, um empresário de uma ópera americana ouve

¹¹⁸ Ver Manfred Hanisch: *Für Fürst und Vaterland. Legitimitätsstiftung in Bayern zwischen Revolution 1848 und deutscher Einheit*. München 1991.

¹¹⁹ Gajek, *Schwierigkeit* [ver nota 96], p. 55.

¹²⁰ Ver Sabine Suttner: *Die Darstellung der Bayern im „Komödienstadel“*. Germanistische, volkskundliche und psychologische Untersuchung eines Fernseh-Bauerntheaters. Frankfurt/M. u.a. 1997 (=Regensburger Beiträge zur Sprach- und Literaturwissenschaft 66), p. 100.

¹²¹ Peter Assion: “Historismus, Traditionalismus, Folklorismus. Zur musealen Tendenz der Gegenwartskultur.” In: Utz Jeggle; Gottfried Korff; Martin Scharfe; Bernd-Jürgen Warneken (Org.): *Volkskultur in der Moderne. Probleme und Perspektiven empirischer Kulturforschung*. Reinbek 1986, p. 351-362; aqui p. 358. Em relação a folclorismo ver também: Hans Moser: “Der Folklorismus als Forschungsproblem der Volkskunde.” In: *Hessische Blätter für Volkskunde* 55 (1964), p. 9-57; Ulrike Bodemann: “Folklorismus. Ein Modellentwurf.” In: *Rheinisch-westfälische Zeitschrift für Volkskunde* 28 (1983), p. 101-110.

¹²² Christoph Daxelmüller: “‘Heimat’. Volkskundliche Anmerkungen zu einem umstrittenen Begriff.” In: *Bayerische Blätter für Volkskunde* 18 (1991), Cad. 4, p. 223-241; aqui p. 231.

¹²³ N. T. Trata-se aqui do termo “bávaro”, porém em forma dialetal bávara.

¹²⁴ Karl-S. Kramer: “Die letzten hundert Jahre – Endphase des Brauchtums? Erinnerungen und Lese-früchte.” In: Nils-Arvid Bringeus u.a. (Org.): *Wandel der Volkskultur in Europa*. Vol. 1. Münster 1988, p. 127-142; aqui p. 140.

¹²⁵ N. T. Lena Christ foi uma escritora regional bávara. Nasceu em 30 de outubro de 1881, em Glonn, e morreu no dia 30 de junho de 1920, em Munique.

“naquela época (quando novidades da moda de todos os tipos deixavam a nossa pátria feliz, como, por exemplo: automóveis, teatros no campo, Zeppelins e gramofones”) a canção de um cuidador de gado (cuja definição ele confunde permanentemente com cantor: Sanger)¹²⁶ em uma pastagem, vai até ele e pede-lhe para ouvir novamente a canção – colocando-se o cuidador de gado prontamente a dar a manivela seu gramofone.¹²⁷ Em tais tipos de misturas, apresenta-se “a imagem de estranho que foi dirigida à Bavária; essa representação dissolveu-se nas figuras dos palcos bávaros e teatros populares de hoje; não temos à nossa frente aqui a auto-representação, mas o cumprimento das expectativas de comportamento dos turistas.”¹²⁸

Um amigo otimista viu o futuro da Bavária da seguinte forma: ela será cercada por muros e será mostrada ao turista com pagamento de entrada; os nativos apresentam a Schuhplatteln,¹²⁹ como bebem cerveja, aspiram tabaco, o baile de gala, a arte alemã, o teatro reformado [adaptado ao seu tempo] e o Oberammergau; a cada cinco minutos adultos e crianças cantam o hino nacional com o refrão “procos prussianos” [Sau-Preuen]; garcons de tabernas demonstram a arte com as facas.¹³⁰

Essa folclorização da Bavária, iniciada por parte da autoridade e então passada para o aspecto economico, gerou o pano de fundo da criação de uma literatura bávara que, enquanto ela ainda trabalha na *literarização da região* com a *regionalização da literatura*, precisou batalhar ante à pressão de adaptação às expectativas – primeiro, dos mecenas do poder e, depois, do público pagador – de como literatura bávara teria que parecer. A saber, folclórica. Justamente o comeco da literatura bávara ainda pertence totalmente à não explorada ‘preservação do popular’ folclórico vinda de cima: uma primeira transcrição de canções em dialeto bávaro ocorreu através do padre Marcellinus Sturm;¹³¹ os “poetas originais” bávaros eram então Franz von Kobell¹³² (1803-1882), do círculo do rei Maximilians II (mais conhecido pelo seu *Brandner Kasper*, de 1871) e Franz Graf von Pocci¹³³ (1807-1876) que, como autor de canções, contos de fada, teatro de marionetes e de sombras, assim como de comédias de bonecos para o teatro de

¹²⁶ N. T. As palavras são semelhantes: Senner = cuidador de gado (vaqueiro) e Sanger = cantor.

¹²⁷ Lena Christ: “Das Lied.” In: Dies., *Werke* [ver nota 44], Vol. I, p. 621-623, citação p. 621; primeira edição 1920.

¹²⁸ Gockerell, *Bayernbild* [ver nota 102], p. 226.

¹²⁹ N. T. Dança na qual os danarinos batem com as mãos nos sapatos.

¹³⁰ Bonnie: “Koniglich Bayrische Komodie.” In: *PAN* 2 (1912), Nr. 14, p. 407.

¹³¹ Marcellin Sturm: *Lieder, zum Theil in baierischer Mundart*. O.O. 1919.

¹³² Franz von Kobell: *Oberbayerische Volksstucke*. München o.J. Idem.: *Gedichte in oberbayerischer Mundart*. Stuttgart ²1875.

¹³³ Franz Graf von Pocci: *Lustiges Komodienbuchlein*. Nova edição em 2 volumes. Leipzig 1907. Sobre Pocci ver também: Alois Dreyer: *Franz Pocci. Der Dichter, Künstler und Kinderfreund*. München 1907.

fantoches e histórias infantis, contava para o “abobadar”¹³⁴ político-cultural da Baviera através dos reis Ludwig I e Maximilian II.¹³⁵ Nesta tradição, constavam ainda os autores burgueses Melchior Meyr (1810-1871) (principalmente seus contos *Erzählungen aus dem Ries*, de 1856), que durante a vida, todavia, teve que viver em condições miseráveis, depois que o poeta do estado bávaro-prussiano Geibel Maximilian II esclarecera que Meyr não era poeta,¹³⁶ e Karl Stieler¹³⁷ (1842-85) com suas poesias em dialeto, assim como Josef Schlicht, o editor do primeiro *Spiegel* bávaro.¹³⁸

Paralelamente a isso ocorria em proporção crescente uma literarização turístico-econômica da Baviera, que deveria ser melhor denominada de regionalização e folclorização bavierizada¹³⁹ da *literatura sobre a Baviera*. Deve-se referir aqui principalmente aos ‘teatros populares’ que, até antes da invasão dos artistas oriundos da cena folclórica na Baviera, tiveram apenas pouco sucesso, mas que em Berlim eram encenados com entusiasmo,¹⁴⁰ de modo que autores bávaros dispostos a servir o estereótipo poderiam enriquecer rapidamente com apresentações em Berlim. Como exemplos, cite-se Ludwig Ganghofer, com seu *Herrgottschnitzer von Ammergau* (1880) e o *Prozeßhansl* (1881). Logo a seguir, uma co-produção de Munique e Berlim foi a confrontação caracterizadora, de grande sucesso, do estereótipo tipificado da Bavária, *Mathias Gollinger*, e do estereótipo igualmente tipificado da Prússia, Krüger.¹⁴¹ O ‘ator de teatro popular’, Konrad Dreher – internacionalmente conhecido em turnês até nos Estados Unidos –, foi identificado durante anos pelo público internacional por seu papel de *Mathias Gollinger*, cujo co-descobridor berlinense Blumenthal já enriquecera anteriormente com o *Weissen Rössl*,¹⁴² por meio da elaboração e divulgação em massa de estereótipos alpinos do sul, bávaros e austríacos. Na Baviera, mesmo essa caracterização estereotipada e a reivindicação de ‘prussianos’ e de turistas por uma Baviera estereotipada ‘deles’, foi percebida por muito tempo como impertinência. Uma

¹³⁴ Jürgen Joachimsthaler: *Max Bernstein. Kritiker, Schriftsteller, Rechtsanwalt (1854-1925)*. Frankfurt/M. u.a. 1995 (=Regensburger Beiträge zur deutschen Sprach- und Literaturwissenschaft 58), p. 12-33.

¹³⁵ Vgl.: Joachimsthaler, “*Wucherblumen*” [ver nota 49], p. 222-226.

¹³⁶ Mahr, *Die Krokodile* [ver nota 113], p. 550.

¹³⁷ Karl Stieler: *Gesammelte Werke*. 3 vol. Stuttgart 1907/08.

¹³⁸ Josef Schlicht (Org.): *Bayerisch Land und Bayerisch Volk*. Straubing 1875.

¹³⁹ N. T. O autor usa aqui um termo antigo *bajuwarisierend*, que denota um certo tom depressiivo.

¹⁴⁰ Ver Ernst Georg Nied: *Almenrausch und Jägerblut. Die Anfänge des berufsmäßigen oberbayerischen Bauerntheaters vor dem ersten Weltkrieg*. München 1986 (=Münchener Beiträge zur Theatergeschichte 17).

¹⁴¹ Oscar Blumenthal; Max Bernstein: *Mathias Gollinger. Lustspiel in vier Aufzügen*. Berlin 1898. Em relação ao assunto ver também Joachimsthaler, *Bernstein* [ver nota 132], p. 637-643.

¹⁴² Oscar Blumenthal; Gustav Kadelburg: *Im weissen Rössl*. Lustspiel. Berlin 1898.

caricatura na *Juventude* de Munique, por exemplo, mostra habitantes da cidade montando barricadas contra os veranistas prussianos;¹⁴³ e em uma caricatura da revista *Simplicissimus* ‘atores bávaros de teatro popular’ retornam com as seguintes palavras de uma turnê em Berlim: “Gott sei Dank, daß ma wieder z’Haus sin und net mehr den ganzen Tag die G’scherten spiel’n brauchen!”¹⁴⁴

Contudo, os “interioranos” em tais caricaturas, que zombam do sucesso com que eles conseguem encenar os “interioranos” aos ‘prussianos’, correspondem enfim à imagem do “interiorano” original esperto (à imagem, inscrita desde o início, da superioridade sobre os ‘prussianos’). O aparente desmascaramento confirma, enfim, o que se parece desmascarar: o “interiorano” existe, mesmo que ele seja suficientemente inteligente para representar por dinheiro aos ‘prussianos’ a besteira daquilo que eles imaginam de um “interiorano”. Neste ponto da imagem do “interiorano” coloca-se tantas vezes, na literatura bávara ‘crítica’, a negação afirmativa que confirma como falsa a representação para evocar de modo negativo a existência de um ‘ser’ bávaro não mais apresentado realmente ‘verdadeiro’ (impossível de apresentar como sendo verdadeiro), em oposição à representação apresentada aos ‘prussianos’. A consciência de ‘criado’ do aparentemente ‘original’ atrai, enfim (a não ser que se possa apreciar obras de arte ficcionais por elas mesmas), a um desmascaramento satiricamente ‘crítico’, atrás de cujo gesto revelador frequentemente se esconde a promessa de que deva existir algo ‘verdadeiro’ (como um quase contraponto) pelo fato de o ‘falso’ poder ser desmascarado.

O início de uma literatura bávara, podendo ser levada a sério também literariamente, com o *Fahnenweihe*¹⁴⁵ (1896), de Josef Ruederer, era inicialmente uma reação ‘crítica’ contrária¹⁴⁶ à crescente folclorização da Baviera, uma ‘sonora’ sátira à peça popular comercial e transfigurada sentimentalmente para turistas e que estabeleceu a tradição da literatura regional e popular crítica, sobre a qual Marieluise Fleißer trabalhou mais tarde.¹⁴⁷ Mas também o grande folclorista berlinense Blumenthal sabia vender a crítica, em virtude da lenta e crescente ‘crítica’ (e na tradição de Ruederer com

¹⁴³ *Die Jugend* 17 (1912), Nr. 25, 11. Juni 1912, S. 720.

¹⁴⁴ *Simplicissimus* 35 (1930), Nr. 27, 29.9.1930, S. 321. Tradução livre do tradutor: Graças a Deus que estamos de volta em casa e que não precisamos apresentar o dia inteiro o papel de interioranos.

¹⁴⁵ Josef Ruederer: “Die Fahnenweihe.” In: Idem: *Theaterstücke*. Org. Hans-Reinhard Müller. München 1987, p. 5-127.

¹⁴⁶ Ver Claudia Müller-Stratmann: *Josef Ruederer (1861-1915). Leben und Werk eines Münchner Dichters der Jahrhundertwende*. Frankfurt/M. u.a. 1994 (=Regensburger Beiträge zur deutschen Sprach- und Literaturwissenschaft 56), p. 215-218.

¹⁴⁷ Moray McGowan: *Marieluise Fleißer*. München 1987, p. 134.

tons de sátira) na produção de irreais aldeias bávaras, satisfazendo a turistas¹⁴⁸ – também o turista, e justamente ele, deseja o ‘verdadeiro’ e aquele desmarcamento do ‘falso’, que assegura uma veracidade do ‘verdadeiro’.

Lá onde aparentemente o ‘próprio’ foi oposto ao folclorismo, ele não foi vencido só pela atração da economia de forma turística; já os elementos dos quais se compõem o ‘bávaro’, dessa literatura bávara, foram tirados do baú de curiosidades folclóricas. Ludwig Thoma levou a sua crítica estandardizada ao turismo na *Simplicissimus*, a tal ponto de opor ao folclorismo turístico no seu romance *Altaich*,¹⁴⁹ no final, um “recuo [folclórico] à antiga forma de vida bávara;”¹⁵⁰ este, por sua vez, novamente era passível de folclorismo e de comercialização sem empecilhos. O motivo para essa contínua disputa entre a folclorização e o apropriação do ‘bávaro’ encontra-se no potencial anarquicamente libertador da figura fundamental do “interiorano”, que pode ser oposta à quimera harmonizadora do nativo, para sua representação a turistas pagadores somente pelo valor de ser mal compreendida como encarnação ideal e ‘natural’ de sua quimera, e de ser sempre de novo direcionada para lá, onde ela é justamente esta figura que não somente deve representar a contradição autônoma, mas que *pode* ser também incorporada irresponsavelmente à sua composição ficcional estético-literária em ficções mediócras, idealizadoras do estilo “dane-se” no sentir subjetivo, ao “interiorano” idealizado. A breve recusa de cinco minutos do “interiorano” (que em todos os casos pode introduzir independência continuada) é uma área estética especial na qual o educado para (e com) esta estética possa experienciar uma noção de algo como liberdade emancipadora, formadora de personalidade (sobretudo no sentido de Schiller), através da vivência e da lembrança no artificial-artístico das possibilidades de vida – a construção estético-poética poderá perder realidade vivida (ou que se almejava viver), sedutora por causa do perigo, consciência do seu ‘estar-feito’ e, com isso, também liberdade criadora e domínio sobre a figura de arte imitada em vida (para a duração da imitação também sobre si mesma). Função e artefato desenvolvem sua própria atração sugestiva – e devem desenvolvê-la. Devem condensar-se em identidade desejada.

¹⁴⁸ Oscar Blumenthal; Gustav Kadelburg: *Das Theaterdorf*. Berlin 1902.

¹⁴⁹ Ver Ludwig Thoma: *Altaich*. Eine heitere Sommergeschichte. Revisão e posfácio de Karl Pömbacher. München, Zürich 1992 [Primeira edição München 1918].

¹⁵⁰ Wolfgang Hackl: “‘Sommerfrischler’ und ‘Eingeborene’ Eine kulturgeschichtliche Lektüre des *Simplicissimus*.” In: Gertrud Maria Rösch (Org.): *Simplicissimus. Glanz und Elend der Satire in Deutschland*. Regensburg 1996 (=Schriftenreihe der Universität Regensburg 23), p. 161-173; aqui p. 162.

Não à toa a equipe da *Simplicissimus*, da mesma forma como muitos escritores bávaros, adaptava-se o máximo possível em atos encenados de auto-anedotização¹⁵¹ e de folclorização própria à imagem do “interiorano” – pense-se somente em Oskar Maria Graf que aparecia com calça de couro (naturalmente curta) e com jaqueta no banquete do PEN-Clube internacional¹⁵² e, em 1934, no mesmo traje, no congresso soviético de escritores e que, como *Bajuware* (bávaro), gostava de provocar ‘de baixo’ a classe alta intelectual.¹⁵³

Nesta auto-bavieirização estava contida naturalmente – justamente em Thoma – uma saudade pelo ‘mundo intacto’, conforme Auerbach. Ele ansiava por “aquela segurança natural do meio de vida rural, ao qual ele queria pertencer. [...]. Suas maiores obras [...] forçavam por isso aos poucos a transfiguração da ansiada ‘pátria’ como a sátira do pretenso estrangeiro. A Baviera rural de sua infância é estilizada em paraíso; contudo, o literato de sucesso, Thoma, sentia-se demasiadamente envolvido no escarnecido mundo oposto desse paraíso.”¹⁵⁴

Thoma quer redescobrir nas terras altas bávaras, “entre os meus queridos agricultores das terras altas”, o paraíso infantil perdido: “Cada casa, cada calça de couro, cada árvore é uma lembrança da infância”, lê-se, forçado até o cômico. Na amizade com Ludwig Ganghofer (desde 1902) e com o escultor Ignatius Taschner (desde 1903), na relação com Lena Christ, com o ator popular Michl Dengg e com o cantor popular Kiem Pauli, Thoma preserva um círculo de vida da ‘antiga baviera’, cercado pela caça e pela possibilidade de presença em Tuften, no Tegernsee; Taschner decorou com cores locais [pátrias] a residência.¹⁵⁵

Decepções em relação a uma realidade política e biográfica não conveniente a uma estilização levaram Thoma, depois da Primeira Guerra Mundial, para (bem) longe, para a direita,¹⁵⁶ a ataques de ódio direcionados contra o Império. Esta auto-bavieirização possibilitou, contudo, uma forma de visão crítica a partir da perspectiva das camadas inferiores rurais bávaras, em Lena Christ¹⁵⁷ ou Oskar Maria Graf, e também no redator

¹⁵¹ Jürgen Joachimsthaler: *Das Ende der Satire in der Anekdote. Warum werden Verfasser von Anekdoten zu Objekten von Anekdoten?* In: idem, p. 97-109; aqui especialmente p. 102.

¹⁵² N. T. P.E.N. corresponde à abreviatura de *Poets, Essayists and Novelists*.

¹⁵³ Georg Bollenbeck: *Oskar Maria Graf mit Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Reinbek bei Hamburg 1985, p. 7-13.

¹⁵⁴ Walter Schmitz: “Nachwort.” In: Ludwig Thoma. *Lausbubengeschichten. Tante Frieda*. Com ilustrações de Olaf Gulbransson. Stuttgart 1993, p. 217-242; aqui p. 237.

¹⁵⁵ Idem. p. 239.

¹⁵⁶ Ver Ludwig Thoma: *Sämtliche Beiträge aus dem „Miesbacher Anzeiger“ 1920/21*. Edição crítica e comentada de Wilhelm Volkert. München, Zürich ²1990.

¹⁵⁷ Ver especialmente Lena Christ: “Erinnerungen einer Überflüssigen.” In: Idem, *Werke* [ver nota 44], Vol. I., p. 11-240.

da *Simplicissimus*. Thoma não temia no império a formação (esquerdista) de oposição de pontos de vista regionais em *Andreas Vöst*.¹⁵⁸ Em sua figura do deputado Josef Filser,¹⁵⁹ construída de forma dúbia, ele então instrumentalizava por um lado o tipo do iletrado “interiorano” que, assim como antes dele o deputado fictivo Michael Mroß,¹⁶⁰ de Gustav Freytag, é usado para desmascarar a política de um determinado partido (do partido de centro); além disso, porém (e diferentemente de Freytag), contém em sua ‘naturalidade’ (e justamente por causa de sua lentidão em compreender) um caráter anarquista contraditoriamente divertido, não manipulável pelo partido como ‘ser’, convidando à identificação.

O desenvolvimento do império com sua crescente militarização e prussianização reforçava tais tendências na literatura. Ao sucesso da *Simplicissimus* correspondia uma crescente empolgação para com figuras ‘simplicianas’ de tendência regionalmente concretas em toda a Alemanha: O *Emanuel Quint*,¹⁶¹ de Hauptmann, pertence igualmente a essa linha, assim como o *Prinz Kuckuck*¹⁶², de Bierbaum, o *Bracke*¹⁶³, de Klabund, o *Kaczmarek*¹⁶⁴, de Scholtis, os trapeiros e os vagabundos, de Georg Hyckel¹⁶⁵, ou a recepção alemã do *Ulenspiegel*, de Coster, e do *Schwejk*, de Hašek. Janosch ainda vive disso.¹⁶⁶ Não foi à toa que Bienek registrou expressamente como ordem para o trabalho: “distância do tipo antigo e do francês, do sub-proletariado, do apático tipo Kaczmarek.”¹⁶⁷ A pretensão de literarizar uma região precisa lutar, isso nos mostra o movimento de defesa de Bienek, até o presente contra a tentação de literarizar a literatura dedicada a uma região, de tal forma que a literarização da região não possa mais evadir-se dos modelos de regionalidade, mesmo já dominantes (e na Alta Silésia de caráter nacional-regional). Marcante é o fato de que o que se entende hoje nas amplas camadas de leitores por ‘literatura bávara’ é o resultado de um movimento dialético

¹⁵⁸ Ludwig Thoma: *Andreas Vöst. Bauernroman*. Revisão e posfácio de Bernhard Gajek. München 1988.

¹⁵⁹ Ludwig Thoma: *Jozef Filsers Briefwexel*. Nachwort von Andreas Pöllinger. Stuttgart 1993.

¹⁶⁰ Gustav Freytag: An den Bauer Michael Mroß, erwählten Deputierten des Kreises Strehlitz in Schlesien für die konstituierende Versammlung in Berlin. In: *Die Grenzboten* 1848, Nr. 26. Idem: An den Freigärtner Michael Mroß. In: *Die Grenzboten* 1848, Nr. 47.

¹⁶¹ Gerhart Hauptmann: *Der Narr in Christo Emanuel Quint*. Berlin 1910.

¹⁶² Otto Julius Bierbaum: *Prinz Kuckuck. Leben, Taten, Meinungen und Höllenfahrt eines Wollüstlings*. Berlin 1906/07.

¹⁶³ Klabund: *Bracke. Ein Eulenspiegel-Roman*. Reinbek bei Hamburg 1988 (=Rowohlt Jahrhundert 26).

¹⁶⁴ August Scholtis: *Ostwind*. Roman. Berlin 1932.

¹⁶⁵ Georg Hyckel: *Leute vom Wege. Schlichte Geschichten*. Breslau 1910.

¹⁶⁶ Janosch: *Cholonek oder Der liebe Gott aus Lehm*. Zürich 1985.

¹⁶⁷ Horst Bienek: *Beschreibung einer Provinz. Aufzeichnungen, Materialien, Dokumente*. München, Wien 1983, p. 29. N. T. Traduzimos esta citação, acreditamos que seja interessante mantê-la como nota de rodapé em alemão para que se possa observar o jogo que o autor faz com as palavras: “weg vom Antek- und Franzek-Typ, vom Sub-Proletariat, vom dumpfen Kaczmarek-Typ.”

duplo, no qual a literarização da região acontecia simultaneamente à regionalização de sua literatura, às vezes contrária a ela, muitas vezes com ela, totalmente esmagada por ela na literatura de massa bavarizante. A literarização de uma região e a regionalização de sua literatura (e regionalização da região, portanto, a adaptação da região a ela na literatura regionalizada em imagem literarizada) muitas vezes estão imbricadas entre si até a indissolubilidade. Esses processos da literatura regional com sucesso suprarregional são, então, registrados de tal forma, que o leitor fora deste contexto regional não seja perturbado por eles – redução de complexidade que pertence às expectativas do leitor.

Ao clássico arsenal de figuras regionalmente ‘menores’ foi entregue um próprio recorte de vida ‘bávoro’ por Thoma, ele mesmo se anedotizando como figura de *Simplicissimus*, em complemento ao modelo biográfico de romance de formação de toda a Alemanha. Os anos de infância dos marotos travessos¹⁶⁸ que, através de diversas adaptações, como as *Lausdirndlgeschichten*,¹⁶⁹ de Lena Christ, transformaram-se no modelo (auto)biográfico das fases da vida bávara: os *Lausbubenjahre*¹⁷⁰ são hoje elemento imprescindível da vida bávara. E, mesmo assim, esse exemplo mostra quão pouco as regiões criam de si mesmo. Assim como os exemplos de Thoma eram histórias ilustradas de Wilhelm Busch, o labreguismo pré-moderno de Rabelais e (no uso do dialeto!) Fritz Reuter,¹⁷¹ o modelo desenvolvido por ele tornou-se, por sua vez, modelo em outras regiões: Victor Kaluza adaptou o modelo para a Alta Silésia.¹⁷² Nisto estavam apenas, além do aparentemente inocente prazer da desobediência infantil, a pretensão do indivíduo por independência, assim como por insubordinação frente à autoridade à qual foi oposta a pretensão por particularidade regional justamente na imagem daquela pessoa infantil (ou mesmo diretamente da criança mesmo), à qual, primeiro, o poder permanente e, depois, também a autoridade nacional gostava de tentar reduzir seu ‘povo’. A recusa de Oskar Mazerath de se tornar adulto, mesmo crescendo, está fundamentada nesta tradição.

¹⁶⁸ Ludwig Thoma: *Lausbubengeschichten. Aus meiner Jugendzeit*. Com 35 ilustrações de Gulbransson. Revisão e posfácio de Bernhard Gajek. München 1989. Idem.: *Tante Frieda. Neue Lausbubengeschichten*. Com 41 ilustrações de Olaf Gulbransson. Revisão e posfácio de Bernhard Gajek. München 1985.

¹⁶⁹ Lena Christ: “Lausdirndlgeschichten.” In: Idem., *Werke* [ver nota 44], Vol. I., p. 244-319.

¹⁷⁰ Karl Wieninger: *Lausbubenjahre in Sendling*. München s.a. [Editora do autor].

¹⁷¹ Gertrud M. Rösch: *Ludwig Thoma als Journalist. Ein Beitrag zur Publizistik des Kaiserreichs und der frühen Weimarer Republik*. Frankfurt/M. u.a. 1989 (= *Regensburger Beiträge zur deutschen Sprach- und Literaturwissenschaft* Vol. 42), p. 35-37. Em relação a Reuter e o significado do dialeto (do baixo-alemão) em Reuter, ver.: Heinz C. Christiansen: *Fritz Reuter*. Stuttgart 1975, p. 15-30.

¹⁷² Viktor Kaluza: *Lausbübeleien*. Berlin 1943.

Depois de 1900, contudo, as regiões alemãs (enquanto o grande império prussiano ainda as permitia existir, mas por ele enfraquecidas) não eram mais vistas como centros de poder que ainda mereciam ser combatidos. Duas outras forças, cuja influência se observava com preocupação, ocuparam esse lugar: a Igreja Católica e, precisamente, a ‘Prússia’ (que na Baviera se tornou emblema do alemão nacional para quem viesse do norte, fossem tenentes prussianos, Wilhelm II ou turistas em busca de folclore. Por sinal, os turistas alemães do norte até hoje gostam de pagar pelo xingamento folclórico a turistas ‘prussianos’). Desde a criação do império, o sentimento antiprussiano (não necessariamente antinacional) parece ter sido uma das forças propulsoras para a criação da literatura regional em toda a Alemanha. Nas regiões católicas, esse sentimento veio acompanhado de uma ênfase contra a hostilidade ao prazer, disciplinado socialmente na forma ‘protestante-prussiana’ e contra a insensibilidade aos prazeres da vida na origem naturais: esse estilo boêmio-anárquico de expressão do prazer e do gozar bem a vida¹⁷³, com todas as suas significações politicamente liberais no plano dos direitos do indivíduo¹⁷⁴, foram atribuídos à ‘naturalidade’ da população regional:

As pessoas sabem por experiência própria e a partir de observações zoológicas que também a sexualidade tem reclamos com direito à realização. [...] Esse modo natural de pensar preservou nossos colonos de condenar como indecorosas as mães solteiras.¹⁷⁵

Sexualidade em excesso e religião católica, necessariamente a ela relacionada, constituem para um habitante de Passau, Heinrich Lautensack,¹⁷⁶ elementos importantes a integrar sua imagem da Baviera¹⁷⁷ e são o apoio para a “formação de uma identidade de fé e tradição católica”¹⁷⁸. No *Concílio do Amor*, Oskar Panizza (de Bad Kissingen) erotizou e sexualizou os representantes das representações católico-populares na sala do trono do céu cristão¹⁷⁹. E Queri, editor do texto original do *Mistério da Paixão de*

¹⁷³ Quanto à orgiem da palavra “sich ausleben” ver. Joachimsthaler, “*Wucherblumen*” [ver nota 49], p. 239.

¹⁷⁴ Ver Joachimsthaler, *Bernstein* [ver nota 132], p. 596-602.

¹⁷⁵ Ludwig Thoma: “Bauernmoral.” In: *März* 2/2 (1908), p. 21-26; aqui p. 25s. Sobre o fundo sócio-histórico desse comportamento ver Axel Schnorbus: “Die ländlichen Unterschichten in der bayerischen Gesellschaft am Ausgang des 19. Jahrhunderts.” In: *Zeitschrift für Bayerische Landesgeschichte* 30 (1967), p. 824-852. Uma peça teatral – dependente de Thoma – de entretenimento que defendia com veemência essa “moral do colono” bávaro era: Max Bernstein: *Die Sünde. Lustspiel in drei Aufzügen*. Leipzig 1909.

¹⁷⁶ Sobre Lautensack ver: Friedrich Brunner: *Heinrich Lautensack. Eine Einführung in Leben und Werk*. Passau 1983.

¹⁷⁷ Heinrich Lautensack: *Die Pfarrhauskomödie. Carmen Sacerdotale. Drei Szenen*. Berlin-Wilmersdorf 1911; idem.: *Erotische Votivtafeln*. Berlin 1919; idem.: *Altbayerische Bilderbogen*. Berlin 1920.

¹⁷⁸ Petra Ernst: *Via Crucis. Heinrich Lautensacks Leben und Werk*. Passau 1993, p. 117.

¹⁷⁹ Oskar Panizza: *Das Liebeskonzil. Eine Himmelstragödie in fünf Aufzügen*. Zürich 1895.

Oberammergau,¹⁸⁰ redigia de forma grotesca textos grosseiros a partir da perspectiva popular,¹⁸¹ publicava coleções folclóricas desses elementos grosseiros e obscenos da cultura popular que precisavam ser expurgados para apresentação oficial, e apropriada ao turista, como em “Erótica [popular, camponesa?] e da justiça própria”,¹⁸² ou em os “Ditos eróticos e escatológicos da Baviera Antiga”¹⁸³, que em 1912 levaram ao último grande processo de moralidade da era guilhermina.¹⁸⁴ Esse processo mobilizou tudo o que havia de interessante na literatura bávara sobre a formação de identidade; e obviamente Thoma também não perdeu a oportunidade de fazer saber ao tribunal o seu parecer:

No que diz respeito ao ‘elemento erótico’ e à ‘obscenidade’, não vamos pedir desculpas à Baviera Antiga e seu meio requintado. Nosso povo sempre se manteve livre de concupiscência oculta e reconheceu desde sempre o eterno humor que se encontra na relação entre os gêneros. Não tomar os amigos do amor por inumanamente doces, para não esquecer o animalesco nisso; que essas coisas aos jovens parecem boas, aos velhos más, isso revela o excelente humor, a saúde e a capacidade da antiga etnia bávara.¹⁸⁵

Até a Comissão para a Elaboração do Dicionário da Academia Bávara das Ciências, que trabalhou no Dicionário Bávaro, foi acionada (e deu parecer favorável a Queri). Mas, depois da defesa de Queri, diversos dos seus colaboradores viram sua compreensão da língua e da cultura bávara abertamente desacreditada por violentos ataques da imprensa do Centro.¹⁸⁶ Predominava um clima de *Kulturkampf* (guerra cultural) em torno da definição dessa identidade regional.

¹⁸⁰ Georg Queri (Org.): *Ao. Do. 1662. Der älteste Text des Oberammergauer Passionsspiels. Nach der Handschrift im Archiv des Hauses Guido Lang*. Oberammergau 1910.

¹⁸¹ Georg Queri: *Die Schnurren des Rochus Mang, Baders, Mesners und Leichenbeschauers zu Fröttmannsau*. München s.a.; idem: *Der wöchentliche Beobachter von Polykarpszell. Geschichten aus einer kleinen Redaktion*. München 1909; ders.: *Die weltlichen Gesänge des Egidius Pfanzelter von Polykarpszell*. München 1912; idem: *Mathei bricht's Eis. Ein lustiges Singspiel aus Oberbayern*. Dießen 1919.

¹⁸² Georg Queri: *Bauernerotik und Bauerfehme in Oberbayern*. München 1975 [Primeira edição 1911].

¹⁸³ Georg Queri: *Kraftbayrisch. Wörterbuch der erotischen und skatologischen Redensarten der Altbayern. Mit Belegen aus dem Volkslied, der bäuerlichen Erzählung und dem Volkswitz*. München 1981 [Primeira edição 1912]. Aus dem Inhaltsverzeichnis (Auswahl): Der Busen. Die Menses. Genitalia. Fut (die weibliche Scham). Penis. Verblühtes und Unverblühtes. Pissen. Sexuelle usw. Krankheiten. Podex – Anus. Cacare. Crepitus. Unappetitlichkeiten. Speanzln. Coïre. Begleiterscheinungen. Der Bauer trinkt. Raufen. Breissn!

¹⁸⁴ Joachimsthaler, *Bernstein* [ver nota 132], p. 630-633.

¹⁸⁵ *Münchner Neueste Nachrichten* 65 (1912), Nr. 653, 22.12.1912, p. 11s.

¹⁸⁶ Ver Hans Ulrich Schmid: “Von Mundart und Moral. Georg Queri, die Justiz, die Geistlichkeit, das Bayerische Wörterbuch und Ludwig Thoma.” In: Gerhard Hahn; Ernst Weber (Org.): *Zwischen den Wissenschaften. Beiträge zur deutschen Literaturgeschichte. Bernhard Gajek zum 65. Geburtstag*. Regensburg 1994, p. 368-375, p. 371-375.

Ao fim, a imagem da Baviera assim transmitida permaneceu comercializável, apesar de e talvez por causa de seus elementos anárquicos. Uma “Oktoberfest”. De todo modo (e não somente na Baviera), como a literarização de regiões leva à reorganização de regiões, busca-se satisfazer os visitantes com aquela auto-imagem produzida literariamente (com suas derivações em forma de filme e de série televisiva): enfim, é por ela que eles pagam. Até mesmo a região turística de Berlim esforça-se em apresentar a capital de modo a corresponder à impressão transmitida na literatura¹⁸⁷ e em *temas do cotidiano*. Os projetos literários da identidade bávara movimentam-se hoje – também com humor teimosamente ‘crítico’ de tais ilusões – no campo de tensão entre o idílio ‘bávoro antigo’-rural (com elementos “interioranos”) e a ‘crítica’ violentamente satírica e a anárquica que transgride fronteiras e pode incorporar vanguardas que rompem com formas até no campo da estética. O “interiorano” como princípio estético. Uwe Dick¹⁸⁸ e Herbert Achternbusch utilizam

estranhas formas de expressão artística que oferecem dificuldade de compreensão, frustrações, mesmo para especialistas literários, porque ambos se definem radicalmente contra os códigos geralmente conhecidos e confiáveis da indústria cultural operada internacionalmente. O que [...] tanto desagrada nos códigos de comunicação correntes é sua tendência a nivelar as particularidades culturais de determinados espaços, regiões, grupos sociais, de gênero e de idade. [...] Pois o que habitualmente se faz passar por consciência regional geralmente não é [...] mais que uma representação de falsa originalidade explorada comercialmente.¹⁸⁹

Contudo, nessa “representação de falsa originalidade”, assim formulada sintática e logicamente, não está bem claro se ela simula sua “originalidade” ou sua falsificação, transformada em característica identitária do bem-viver do (alto)-bávoro, e hoje trabalhada internamente como produção de auto-ironia de uma imagem da Baviera que é apresentada com prazer ao mundo e, ao mesmo tempo, é observada à distância pelo especialista que a produz.¹⁹⁰ Naturalmente, os turistas, nessa metaidentidade regional, não são mais simplesmente os ‘outros’, aos quais a região se opõe como ‘verdadeira’. Eles são participantes da produção da identidade regional. A região (à qual eles pertencem), regionalizada pela ação literária da literatura regionalizada com sua ajuda, será novamente literarizada pela metaliteratura regional que literariza a região. Ou

¹⁸⁷ Por exemplo: Peter Schneider: *Eduards Rückkehr*. Reinbek 1999.

¹⁸⁸ Uwe Dick: *Pochwasser. Eine Biographie ohne Ich*. München 1992.

¹⁸⁹ Ecker, “*Authentizität*” [ver nota 84], p. 10s.

¹⁹⁰ Suficientes indícios textuais escondidos denunciam a profunda consolidação bávara (ou bávara por opção) de R. W. B. McGormick, usando pseudônimo: *Tief in Bayern. Eine Ethnographie*. Frankfurt/M. 1991. Naturalmente trata-se com isto de literatura regional de caráter científico pós-moderno.

regionaliza com maior razão? Desmascara ou duplica? Literariza ou desliterariza? (Des-)autentica? Regionaliza novamente? Simplifica? Força a duplicação? Nem mais o ‘falso’ é falso. Espantoso. Juntamente com os turistas e colecionadores de estereótipos, ganha-se identidade somente e justamente a partir do jogo com as identidades. A identidade, sem conhecimento dos ‘cômicos’ mecanismos de sua forma de construção, sem o prazer maroto na brincadeira séria, será enfadonha – infelizmente, a história da construção identitária nacional o comprova. Séria a ponto de ser enfadonha. Regiões precisam consolidar, em ‘todo’ o globo, ao qual elas pertencem, contrário à multidimensionalidade desenvolvida em si mesma, uma prazerosa mundanidade vital independente, simultaneamente com o sentido aberto a todos os sonhos de mundos imaginários e desejáveis. Globo que elas [as regiões] representam na sua multiplicidade.

Tradução do alemão:
Prof. Dr. Gérson Roberto Neumann

Revisão da Tradução:
Conselho Editorial de ANTARES